Com todo nom pode tirar-lh'a memorea,
de ser esforçado e forte na fee,
tomou este princepe, dino d'estorea
per força ós Mouros o grand'Anafee.

O quinto Affonso non quero calar,
que assy como teve vytorea crecida,
tantos trabalhos sosteve na vida,
que lhe causaram mais ced' acabar.
Tambem acabou o filho de dar
fim a esta vida de tanta miserea,
no qual determino um pouco falar,
posto qu'emprenda muy alta materia.

Este foy aquele bom rey dom Joham,
o mays eycelente, que ouve no mundo,
rey d'estes reynos, d'este nome segundo,
humano, catolico, sojeyto á razam.
Do qual muy bem creo, sem contradiçam,
iulguando sas obras, e como morreo,
que deve bem certo de ter salvaçam,
poys tam justamente sempre viveo.
. . . . . .

Poys em Castela, ahy n'essa guerra,
se foe esforçado muy bem se mostrou;
depois da batalha no campo ficou,
os mortos n'aquela metendo so terra.
Tambem n'essas pazes, s'a penna nam erra,
foy muy prudente e muy sabedor,
os meos tomando dos vales e serra:
que n'estes consiste vertude mayor.

Nam menos no reyno, por este teor,
no tempo que foe aquela discordia,
usou mays com eles de misericordia

do que n'isso fez com justo rigor.
Era temido dos seus com amor,
e a Deos temya com todo querer;
que quando o rey de Deos tem temor,
emtam o soemos muy mais de temer.

Com animo grande d'esperas reacs,
abrio o caminho de todo Guyné,
mays por crecer a catolica fé
que nam por cobiça dos bens temporaes.
Com ela fez rico os seus naturaes,
os infieis trouxe a ver salvaçam,
poys obras tam justas e tam devynaes,
seram sempre vivas segundo razam.

S'em todo ponente se sente gram grorea,
por serem as Indias a nós descobertas,
ele foe causa de serem tam certas
e tam manifestas por nossa vitorea.
Pois he sua fama a todos notoria,
culpem-me muytos e mais d'uma vez,
se dele nom faço aquella memorea
que justa merecem os feytos que fez.

A fim já chegada de sua partida,
sendo de todas a cousa mais forte,
já muito cerca da hora da morte,
nam se esqueceu das obras da vida.
Tendo a candea já quasi pedida,
a penna na mão tremendo tomava,
e com moderada justiça devida
tenças, mercês, padrões assynava.

Seus males e culpas gemendo com dor,
partyo d'esta vida na fé esforçado;
polo qual creo, que outro reynado

possuy la com Deos muyto melhor.
Fez fim no Algarve, na vila d'Alvor,
no decimo mez, á fim já propinco,
sendo da era de nosso Senhor
quatorze centenas noventa mais cinco.

Com gram cyrimonia a Sylves levado
d'aly foy dos seus, que o muyto sentyam,
quem antes hum pouco as gentes seguyam.
aly ficou soo de todos deyxado.
O' morte, que matas quem é prosperado,
sem de fremoso curar, nem de forte,
e deyxas vyver o mal aventurado
porque vivendo receba mays morte.

D'aly a trez annos nam bem precedentes
foy com gram festa d'aqui trespassado,
e posto no lugar que está deputado
em ser mauseolo dos nossos regentes.
Quer Deos d'aly dar a muytos doentes
comprida saude, tocand' onde jaz;
em serem os anjos com elle contentes
nos he manifesto nas obras que faz.

Fez isto por ele o muy poderoso
rey excelente Manuel o primeyro,
quem ele deyxou successor verdadeiro,
como rey justo e muy vertuoso.
Soube este princepe muy animoso
que oje governa com tanta medyda,
pagar-lhe na morte, como piadoso,
o bem recebido d'aquelle na vida.

Diogo Brandão, *Canc. geral*, t. II, p. 190—200.

CANTARCILHO Á PADEIRA DE ALJUBARROTA

72

Pois que Madanella
remediou meu mal,
viva Portugal,
e morra Castella.

Seja amor testigo
de tamanho bem,
não chege ninguem
a zombar commigo.

Que a espada é rodela,
a forneira sal'
viva Portugal,
e morra Castella!

Romancero general (Rom.: *Un gallardo portuguez.*)

TONADILHA DOS POBRES

Á PORTARIA DO CONVENTO DO CONDESTAVEL

73

O gram Condestabre
em o seu Mosteiro
dá-nos sua sôpa,
mail-a sua rôpa,
mail-o seu dinheiro.

A benção de Deos
cahiu na caldeira
do Nunalves Pereira,
que abondo cresceo
e todolo deu.

Se comer queredes
nom vades além,

d'on menga nam tem,
ahi lo comeredes
como lo bedes.

Ap. *Chronica dos Carmelitas*, do P. Santa-Anna, t. I, p. 438.

74 SEGUIDILHAS

QUE AS MULHERES DE LISBOA CANTAVAM PELA PASCHOA FLORIDA NA SEPULTURA DO CONDESTAVEL:

GUIA, *só; e depois todos:* Nó me lo digades, none,
Que santo he o Conde.

GUIA, *só:* O gram Condestabre
Nunalves Pereira,
defendeo Portugale
com sua bandeira,
e com seu pendone.

TODOS: No me lo digades, none;
que santo he o Conde.

GUIA, *só:* Na Aljubarrota
levou a vanguarda,
com braçal e cota
os Castelhãos mata,
e toma o pendone.

TODOS: No me lo digades, none;
que santo he o Conde.

GUIA, *só:* Com sua chegança
filhou Badalhouce,
sem usar d'avença
entrou sua torre,
e poz seu pendone.

TODOS: No me lo digades, none;
que santo he o Conde.

GUIA, *só:* Dentro no Valverde
venceu os Castelhãos,
matou bons e maos,
so c'o sua hoste
e seu esquadrone.

TODOS: No me lo digades, none;
que santo he o Conde.

Ibid., t. 1, P. 3, p. 466.

---

75 CHACOTA DE TERREIRO

QUE OS MORADORES DO RESTELLO CANTAVAM NA SEGUNDA OUTAVA DO ESPIRITO SANTO, NA SEPULTURA DO CONDESTAVEL

VOZ: Santo Condestabre,
bone portugues,
Conde d'Arrayolos,
de Barcellos, d'Orém.

TODOS: Santo Condestabre,
bone portugues.

VOZ: Na campanha somdes
alem d'uma bez;
e mais otra bez,
e mais otra bez.

TODOS: Santo Condestabre,
bone portugues.

VOZ: Por faison da patria
todo esto lo fez,
mata os Castelhãos
salva a nossa grey.

TODOS: E mais otra bez,
e mais otra bez.

VOZ: No me lo digades,
qu' aboudo lo sey,
librou as obelhinhas
do leo de Castel.

TODOS: E mais otra bez
e mais otra bez.

Ibidem.

---

76 CLAMORES

DOS MORADORES DE SACAVEM NO ANNIVERSARIO DO CONDESTAVEL

VOZ: Do Restello a Sacavem
nem ningola, nem ninguem
tem semelho ao Condestabre,
que lo prouge, e que lo praze,
ho fazernos tanto bem.

TODOS: E bem, e bem.

VOZ: O rapaz das cobreturas
que morre e cahe para traz,
já nom vae á sepultura,
que otra bez vive o rapaz:
e o Conde le fizo bem.

TODOS: E bem, e bem.

VOZ: Á filha de Joanne Estês
que finou por nom mamar,
ao do Moinho do cubo
que finou por se afogar,
viventa o Conde tambem.

TODOS: E bem, e bem.

VOZ: O mal d'aquella alfayata
a gram dor de Lopo Affonso,
nom les chega aos coraçons,
que o Conde santo los guarda:
y tudo por fager bem.

TODOS: E bem, e bem.

VOZ: E bem, Condestabre santo,
cobri-nos com vosso manto,
e co vosso manto de gales,
defendimento de males,
e faga-nos munto bem.

TODOS: E bem, e bem.

Ibid., extrahido de um Ms. de **Azurara.**

DITADO ou RIFÃO VULGAR,

A QUE ALLUDE AZURARA

77 «Oh noite má,
para quem te apparelhas?
—Para os pobres soldados
e pastores de ovelhas.
«E os homens do mar
aonde os deixas?
—Esses ficam metidos
até ás orelhas.

*

COPLAS DO INFANTE DOM PEDRO,

FILHO D'EL-REI DOM JOÃO I, EM LOUVOR DE JOÃO DE MENA:

78

Nom vos será gram louvor
por serdes de mym honrado,
que nam sam tam sabedor
em trovar, que vos dey grado.
Mas meu desejo de grado
a mym praz de vos louvar,
e vós o podeys tomar
tal, quejando vos he dado.

Sabedor e bem falante,
gracyoso em dizer,
coronysta abastante
em poesyas trazer.
Ou de novo as fazer,
hu compre, com gram maestrya;
de comparar melhorya
dos outros deveys aver.

D'amor trovador sentydo
coma quem seu mal sentiu,
e o ouve bem servydo
e os seus segredos vio;
e de todo departio
muy fermoso e muy bem,
como poode dizer quem
vossas copras ler ouvyo.

De louvar quem a vos praz
aconselhar lealmente,
d'esto sabeis vós assás,
e fazeyl-o sagesmente;

e assentar-s'oo presente
creo nam terdes ygoal,
de consoar outro tal;
julgue-o quem o bem sente.

Infante D. Pedro, *Canc. geral*, t. II, p. 70.

VOLTAS D'EL-REI DOM PEDRO (CONDESTAVEL DE PORTUGAL) A UMA SENHORA

79

Honde acharaão folguanças
meus amores,
honde meus grandes temores
segurança!

Tristeza nam dá luguar,
menos consente reçeo,
temor me faz sospirar,
mudança faz que nam creo.
D'outra parte esperança
daa favores,
sem averem meus amores
segurança.

Ibid., t. II, p. 67.

OUTRA D'EL-REI DOM PEDRO

80

Ho desejosa folguança,
u fazem pausa meus males!
non es em vano esperança,
se me vales.

Se me vales, tornaraa
todo meu mal em prazer,
a meus trabalhes daraa
gualardam meu merecer.

Mais poderá confyança
que todos meus tristes males;
morrerá desesperança
se me vales.

Ibid., p. 68.

QUADRAS NO FIM DE UMA TRADUCÇÃO DOS EVANGELHOS

81 Nam vos sirvo, nem vos amo,
mas desejo-vos amar,
de sempre vossa me chamo
sem quem nom he repousar.

Oh vida lume e luz,
infindo bem e inteiro,
meu Jesus, Deos verdadeiro,
por mim morto em a cruz.

Se mim mesma nom desamo
nem vos posso bem amar,
a me ajudar vos chamo,
para saber repousar.

D. Filippa, filha do Duque de Coimbra,
(Ap. *Agiolog. Lusit.* t. I, p. 411.)

TROVAS NA FORMA DE *RECUERD EL ALMA ADORMIDA* (DE MANRIQUE.)

82 Poys nacy por vós amar,
e ser vosso ta morrer,
sem me partir,
eu não devo recear
coytas, trabalhos soffrer
por vos servir.

Ca pois sempre vos amey
e vos amo certamente,
dizer posso,
que já nunca poderey
d'outra ser inteiramente,
se nam vosso.

De vos eu aquele ser
que vos sempre fuy e sou
ategora,
vós o devês firme crêr,
qu'esta fé nam se mudou
de mym, senhora.

Poys que outra liberdade
nunca pude desejar,
nem queria,
se nam soo vossa vontade
sempre cumprir e guardar
como devia.

Eu não creo que nacesse
quem mais males soportasse
nem sentisse;
nem que d'amar me vencesse,
como quer que bem amasse
ou servisse.

E coytas desesperadas
e tantos padecimentos
tenho passados,
que soo de serem lembrados
os meus tristes sentimentos
sam torvados.

Poys leixarey por ventura
de vos sempre ser leal,
sem galardam?
ou fará minha tristura
meu desejo querer al?
por certo, nam!

Ante soportar aquela
vida mal aventurada,
em que nacy,
por vós, sesuda donzella,
mays dina de ser amada
de quantas vy!

Aquelles que bem amaram
e lealmente serviram
no passado,
fama de sy nos leyxaram
pelas penas que sentiram
e cuydado.

A qualquer que bem ama,
de si leixa tal memoria,
em meus dias
eu soo devo ser na fama
em huma ygual gloria
com Mancias.

Fim

Ho vos, minha esperança
todo meu bem e prazer
tam sem medida,
minha grande segurança
em cujas mãos e poder
he minha vida!

Tanto devês ser lembrada
e com tam grande sentido
de meu dano,
quanto soes desejada
e servyda sem partido
nem engano.

Gil Moniz, *Canc. geral*, t. I, p. 486.

ESPARSAS

83 Nam vos enganês, senhora,
nos desenguanos que daes,
porque com elles causaes
que vos queyra muyto mays,
o triste que vos adora.
Devês buscar outro modo
para vos mais descansar;
este nam podês achar,
sem me matardes de todo.

Diogo Brandão, *Canc. ger.*, t. II, p. 220.

OUTRA

84 As cousas d'aquesta vida
todas vem a uma conta,
poys vemos que tanto monta
ser curta como comprida.
Quem d'clla parte mais cedo
he livre de mil cuidados;
quem vive tem-nos dobrados
afora sempre ter medo.

Duarte da Gama, *Ibid.*, t. II, p. 498.

ESPARSA

EM QUE ESTÁ O NOME DE UMA SENHORA NAS PRIMEIRAS LETRAS DE CADA REGRA

85

D e vós, senhora, e de mim
O usarey de m'aqueixar;
N os males, que não tem fim,
A ntes vam em gualarim

I urando de m'acabar.
L astimado com resam,
A mores bem me fizeram
R esistir minha paixam;
I nteyra satisfaçam
A a mester, pois me perderam.

Jorge de Resende, *Canc. geral*, t. III, p. 342.

ACROSTICO

EM QU'ESTÁ O NOME POR QUEM SE FEZ, POLAS PRIMEIRAS LETRAS D'ELLE

86

D o grande mal que causaram
O s olhos, quando vos viram,
N 'estes dias o pagaram,
A fóra quando partiram.

V yda, qu'assy atormenta
I á melhor se perderia,
O penar, que s'accrecenta
L edo morrer me faria.
A s lagrimas que se dobraram,
N o coração se sentyram;
T odas meus olhos choraram
E m vendo que não vos viram.

Dioguo Brandão, *Canc. geral*, t. II, p. 208.

TROVAS A ESTE VILANCETE:

Abayx' esta serra
vercy minha terra.

O' montes erguidos,
deyxay-vos caír,
deyxay-vos somyr
e ser destroydos.
Pois males sentidos
me dam tanta guerra,
por vêr minha terra.

Ribeyras do mar,
que tendes mudanças,
as minhas lembranças
deixae-as passar.
Deyxay-m'as tornar
das novas da terra
que dá tanta guerra.

Cabo

O sol escurece,
a noite se vem,
meus olhos, meu bem,
já nam apparece.
Mays cedo anoytece,
áquem d'esta serra,
que na minha terra.

Francisco de Sousa, *Canc. geral*, t. III, p. 562.

TROVAS QUE ACABAM SEMPRE EM *DOS*

88

Que cuydados tam cansados
e tam sentydos,
e sentydos trabalhados

dos cuydados
donde nunca são partidos.
Meus desejos nam compridos
sam dobrados,
cada dia mais crecidos,
repartidos
em mil modos desvairados.

Os prazeres desvairados,
escondidos,
porque sempre sam lembrados
os passados,
com mais força sam queridos.
Lembranças dos recebidos,
apartados,
sam sospiros e gemidos
nam ouvidos
da parte por quem sam dados.

Os esforços esforçados
promettidos,
de muytas contra cercados
conquistados,
de receos combatidos.
D'outra parte escorridos
e esforçados
nos esforços dos ouvidos
merecydos
em nos ver contrariados.

Muytos dias mal gastados,
padecidos,
sospirades, enfadados,
e mostrados,
mil prazeres infengidos.
O' que dias tam perdidos

e tam mingoados,
de mym mesmo perseguidos
e avorrydos,
qual pior pior contados.

Meus olhos nam sam culpados
mas vencidos,
meus dias foram fadados
e julgados
pera pena já nacydos.
Siguo caminhos seguidos,
despovoados,
em que caem e sam cahidos
e feridos
os presentes e passados.

Cabo

Os *dos*, que vam apartados
sejam lidos,
e nos cabos ajuntados,
concertados,
em cada regra metidos.
Gualantes muy resabidos
e avisados,
nam leyxei-vos esquecidos,
nem partidos
os *dos* dos cabos riscados.

Nuno Pereira, *Canc. geral*, t. I, p. 263.

TROVAS ALITERADAS

A EL-REY DOM FERNANDO, NAS QUAES METEO O SEU NOME, E LEM-SE DE TANTAS MANEYRAS, QUE SE FAZEM SESENTA E QUATRO.

89 Forte, fiel, façanhoso,
fazendo feitos famosos;

florecente, frutuoso,
fundando fiis frotuosos.
Fama, fé fortalezando,
famosamente florece;
fydalguias favorece,
francas franquezas firmando.

Exalçado, excelente,
ensinados estimando,
espritual evidente,
eresias evitando.
Em Espanha esmerado,
espelho esclarecido,
especial escolhido,
estremado em estado.

Rey real, reglorioso,
reforçando receosos,
real rey remuneroso,
refreando revoltosos.
Rycos regnos recobrando,
ricamente resprandece;
redobrado remerece,
realissimo reinando.

Notem notoryamente
n'estes notados notando,
nóto n'estas novamente,
notem-no noteficando.
Notefiquem no notado
necessario nacido,
nobremente, nobrecido,
nobre nome nam negado.

Alto, alto aumentado,
alto autor avondoso,

alto amante amado
alto, auto, anymoso.
Anymo angelical,
altas altezas avendo,
altos, altos abatendo,
Alexandre, Anybal!

Merece maximo mando
manyfico mayoral,
maiores mandos mandando
mauno, modesto, moral.
Mostra-se merecedor,
merece mais melhorias,
merecendo monarchias,
merecente mandador.

De Deos dom deliberado,
domynante dadivoso,
de Deos dino doutrinado,
dominando dereytoso;
De desejo devinal
descompasos defendendo,
diabruras desfazendo
de dominius doutrinal.

Fim

Onores ofecyando
obsoluto ofecial,
ofeciaes ordenando,
curador onyversal.
Ousado ordenador,
onestando ousadias;
orem-lhe oras, omilias
ó onrado onrador.

Alvaro de Brito, *Canc. ger.*, t I 211.

VILANCETE

90 Meu bem, sem vos ver
se vivo hum dia,
viver nam queria.

Calando e soffrendo
meu mal sem medida
mil mortes na vida
synto nam vos vendo;
e pois que vivendo
moyro toda vya,
viver nam queria.

OUTRO

91 A vida, sem ver-vos,
he dor e cuidado,
que sinto dobrado
querendo esquexer-vos;
porque sem querer-vos
já nam poderia
viver um só dia.

Já tanta paixam
valer nam podera,
se vos não tivera
em meu coraçam;
sem tal defensam,
meu bem, um só dia
viver nam queria.

Conde de Vimioso, *Canc. geral*, t. II, p. 153.

AJUDA

Sospiros, cuidados
paixões de querer,
se tornam dobrados,
meu bem, sem vos vêr;
nom sinto prazer,
sem vós um só dia
viver nam queria.

Nam quero, nem posso
nem posso querer
viver sem ser vosso
e vosso morrer;
poys isto hade ser,
por morte averia
nam vos vêr hum dia.

Garcia de Resende, *Ibid.*

VYLANCETE DE D. JOÃO DE MENEZES

A UMA ESCRAVA SUA

91

Catyvo sam da catyva,
servo d'uma servidor,
senhora de seu senhor.

Porque sua fermosura
sua gracia gratis data,
o triste que tarde mata,
he por mór desaventura.
Que mays val a sepultura
de quem he seu servidor
qu' a vida de seu senhor.

7

Nam me dá catividade
nem vyda pera viver,
nem dita pera morrer,
e comprir sua vontade;
mas paixam sem piadade,
huma dor sobre outra dor,
que faz servo do senhor.

Assy moyro manso e manso,
nunca leixo de penar,
nem desejo mais descanso
que morrer por acabar.
Oh que triste desejar,
para quem com tanta dor
se fez servo do senhor.

D. João de Menezes, *Canc. geral*, t. I, p. 150.

COPLILHAS DE JOÃO GOMES DA ILHA

92

Queria saber
hu vive rasam,
se na entençam,
se em bem fazer.
Se em bem querer
a quem me bem quer,
se a quem me der,
eu correspouder.

Se em bem falar
se em bem servir,
se em commedir
em qualquer obrar.
Em exercitar
o que *justo fôr*;
se he no senhor,
se mais no vulgar.

Se he aquerida
a fym no proveito,
se soo no dereyto
he constituida.
Se he na medida
do dar galardam,
se na puniçam
da alma perdida.

E por aprender
hu rasam está
a quem se mais dá,
amo conhecer.
Se mais ó poder,
se mais á vertude,
assy na saude
como no doer.

E d'onde procede
razam per effeito,
e se do effeito
razam se despede.
Ou se se desmede
contra desmedido,
ou no arroydo
em parte concede.

Se he cousa viva
em vida sómente,
ou se he vivente
no que vyda priva.
Se he sensitiva
em soom d'animal,
se racional
se vegititiva.

Se tem natural
razam seu sogeito
se d'outro respeito
arteficial.
Se he aumental
se demenuyda,
se *he per sy vida*,
se cousa mortal.

Se reje per si,
ou se é regida
ou que he mais querida
aquy que aly.
Se he mais no *y*
do que he no *g*,
se tem *a b c*
se tem *quis ul qui*.

E quanto s'estende
em sua doutrina,
e quanto s'ensina,
se tudo s'aprende.
Tam bem se reprende
quem d'ela nam usa,
e se sua musa
sua arte defende.

Bem saber queria
em qual d'estas vive,
pera que s'alyve
minha fantesia.
Se na cortezia
da livre vontade,
se pela verdade
tornar melhoria.

Rezam e fadairos
nam sey se resiste,
nem sey se consyste
em doys aversairos.
Ou aos contrayros
s'ordena commuã,
ou tem parte alguã
em alguns desvairos

Porque me parece
segundo que entendo,
que nada comprendo
da rasam falece.
E no que carece
eu me desatino
desejo ser dino
ver hu permanece.

A quem me dissesse
rasam he tal cousa,
e em que repousa
saber me fizesse.
Em quanto podesse
eu ho serviria
por huã tal via
que satisfyzesse.

Pelo qual m'encryno
aos trovadores
espiculadores
que me dem ensino.
No que determino
aprender, se posso,
com graças do nosso
hum so Deos e trino.

Cabo

E mande-me quem
ensino me der,
ca no que queser
sayba que me tem.
Ensyne-me bem
hu vive *razam*,
por vista visam
segundo convem.

João Gomes da Ilha, *Canc. geral*, t. II, p. 75.

COPLAS DO CAPITÃO DE MACHICO

93 Folguo muyto de vos vêr,
pesa-me quando vos vejo,
como pod'aquisto ser?
que ver-vos he meu desejo?

Isto nam sey que o faz,
nem d'onde tal mal me vem;
sey bem que vos quero bem,
com quanto dano me traz.

Mas ysto é para descrer,
ter, senhora, tam gram pejo,
morrer muyto por vos vêr,
pésa-me quando vos vejo.

Tristão Teixeira, *Canc. geral*, II, 2.

CANTIGA

94 Nam pode triste viver
quem esperanças deixar,
nem ha no mundo prazer
ygual a desesperar.

A esperança cumprida
bem vedes quam pouco dura,
e dura sempre a tristura
antes e depoys da vida.
Quem esperança tomar,
sempre tristeza hade ter;
quem quizer ledo viver
sayba-se desesperar.

D. João Manoel, *Canc. geral*, I, 400.

DECIMAS

95 Que dias tam mal gastados,
que noites tam mal dormidas,
que sonos tam desvelados,
que sospiros e cuidados,
que tristezas tam sentidas!
Que lembranças, que pesar,
que dôr e que sentimento,
que gemer, que sospirar,
que males pera chorar
dentro em meu coraçam sento!

Sento sempre meu desejo
encontra de mim esquivo,
sento tanto mal, que vejo
meu cuidado tam sobejo,
que nam sam morto nem vivo.
Sento certo minha morte
sento nam ser minha fim,
sem ver bem que me conforte;
sento pena de tal sorte,
que nam sey parte de mim.

Vós, meu nojo e meu prazer,
meu pesar e minha groria,
meu desejo e meu querer,
vela de minha memoria,
descanso de meu viver.
Desamor de meu amor,
quem meu bem e mal ordena,
meu prazer e minha dôr,
meu descanso, minha pena,
meu favor e desfavor!

Minha morte, e minha vida,
meu bem e todo meu mal;
minha doença e ferida
de minha chaga mortal.
Meu desejo e saudade,
de meus males galardam,
tormento sem piadade,
doce coyta da vontade
do meu triste coraçam.

A memoria enganada
de meus tristes pensamentos
anda chea, desvelada,
em lagrimas muy banhada,
com gram força de tormentos.
E continua tristura,
com que ando suspirando
com voz chea d'amargura,
s'algum bem me dá ventura,
m'o tiras desesperando.

Fim

Dam a fé de meus gemidos
as lagrimas piadosas,

de que sentem meus sentidos
dos secretos escondidos
de minhas coytas dorosas.
Cada dia, cada hora
assy ando d'esta arte,
de meu sentido tam fóra,
como quem canta e chora,
que nam sabe de sy parte.

Duarte de Brito, *Canc. geral*, t. I, p. 354.

PERGUNTA A ALVARO BARRETO

96 Quem bem sabe, em tudo sabe,
e porem, d'aqui concrudo,
que a vós, que sabês tudo,
a solver as questões cabe.
E porem muy de verdade
peço, que esta respondaes,
pera ver, se concertaes
com minha negra vontade.

Ca eu já me vi partir
e tambem depois chegar,
e senty todo o sentyr
do prazer e do pezar.
Mas com tudo he de saber
qual he vossa concrusam:
se partir dá mays paixam,
ou chegar mayor prazer?

O Coudel-mór. *Ibid.*, I, 165.

RESPOSTA

De m'atrever que vos gabe,
minha openiam mudo,
por nam ser um tam sesudo,

que de vos louvar acabe.
E pois tal extremidade
sobre meu saber mostraes
o nome que vós me daes
vosso gram louvor emade.

Porem sem detremynar
ante quem devo seguir,
ficando meu departyr
a se por vós emendar:
Que chegar tenha poder
d'alegrar um coraçam,
partyr dá mays afriçam,
u ha grande bem quer.

Alvaro Barreto, *Ibid.*

PERGUNTA GERAL

97 A todolos trovadores,
jentys homens namorados,
mancebos, velhos, casados,
poetas e oradores,
por mercê que me respondam
á pergunta, qu'aqui diguo,
e se mal trago commiguo
este bem, nom m'o escondam.

Desejo muyto saber
dos que sabem, sem mais grosa,
as feyções que ha de ter
a dama pera fermosa;
e seja com condiçam,
que nam toquem na feyçam
d'uma soo, que foy nacida
e escolhida
antre as filhas de Siam.

Porque n'esta nunca toca
sentido pera entendel-a,
item, mays nenhuma bocca
nam merece falar n'ela.
Mas das outras, c'a meu vêr
vemos todas enganosas,
saybamos o qu'am de ter
pera fermosas.

Fernão Brandão, *Canc. geral*, II, 350.

MOTO

O que a ventura tolhe
nam o pode o tempo dar.

98 Quem no tempo se fyar,
senhora, pyor escolhe,
porqu' o que a ventura tolhe
nam o pode o tempo dar.

E por isso o que é melhor,
ysto é o que mais empece,
porqu' o mal sempr' é mayor
e tudo vem ser pior
a quem ventura falece.
Tudo he tamporizar,
e pois nada nam s'escolhe,
o que a ventura tolhe,
nam ho pode o tempo dar.

D. Pedro d'Almeida, *Canc. geral*, t. III, 317.

DOCES ESPERANÇAS TRISTES

99 Com quanto mal sempre vistes
padecermos, coraçam,
tomastes por galardam
doces esperanças tristes.

Que s'esperança nam dereys
a meus crecidos cuydados,
n'eles culpa nam tyvereis,
ó quanto melhor vivêreis,
se foram desesperados!
Mas com quanto sempre vistes
nossas dores e paixam,
tomastes por galardam
doces esperanças tristes.

Jorge de Resende, *Ibid.* III, 337

APODO

ÁS DAMAS, PORQUE FIZERAM UM ROL DOS HOMENS QUE AVIA PARA CASAR, CORTESÃOS, E ACHARAM SETENTA, E ANTE ELES HYAM ALGUNS QUE PASSAVAM DOS SESSENTA:

100 Temos já sabido qua
que pondes la em ementa
os que passam de sessenta.

Tomastes cuidado certo
poys nam he de muyta dura,
qu'eles tem a morte perto
e vós vida mais segura.
Quem tevera tal ventura,
qu'entrara lá na ementa
e fóra já de setenta!

D. Rodrigue Lobo, *Ibid*, III., 572.

PATER NOSTER GROSADO (FARSI)

101 *Cryeleyson, Cristeleysom,*
tu, senhor, que nos fizeste,
dá-nos, poys que padeceste

por nós outros, salvaçam.
Dos fylhos de maldiçam
a ty praza, que nos veles;
dá-nos senhor, contriçam,
Pater noster, qui es in celes.

Santificetur nomen tuum,
muy temido e adorado,
de toda gente commum,
de sempre tee fim louvado.
Poys que com a devindade
es eterno Deos e hum,
poys tomaste humanidade
adveniat regnum tuum.

Fiat voluntas tua,
Senhor, que nos has livrado
da eternal pena crua,
por teu sêr crucificado.
E poys que da cruel guerra
nos livraste, redentor,
damos-te graças, Senhor,
sicut in cœlo et in terra.

Panem nostrum cotidiano
em o qual per fe te vêmos,
praza-te, pois que te crêmos,
que nos livres de gram dano.
Dá-nos o bem que esperamos
depoys da morte, per fé,
com a qual te confessamos,
tu da nobis hodie.

Demite nobis debita nostra;
poys he mais ta piedade
que toda nossa maldade,

o bom caminho nos mostra.
O' trez em uma pessoa
d'onde nos todo bem vem,
perdôa, Senhor, perdôa
sicut et nos dimitimos, amen.

Et ne nos inducas in tentationem,
dá-nos firme fé sem cabo,
per hu livres do diabo
per tua remissionem.
E se nos magynações
de Satam ou seu vassalo
vyerem, ou tentações,
sed libera nos a malo.

Oração do autor

Tu, que a porta abriste
do laguo do desconforto,
tu, que o mundo remiste,
per ta morte, sem ser morto
dá-me, Senhor, contriçam
no ultemo d'esta vida,
firme fé e salvaçam,
e guarda per ta paixam
minh'alma de ser perdida.

Luys Anriques, *Canc. geral*, t. II, p. 20.

BREVE DE UM MOMO

NO QUAL LEVAVA POR ANTREMEZ HUM ANJO E HUM DIABO, E O ANJO DEU ESTA CANTIGA Á DAMA:

102 O amante *(desavindo.)*

Muyto alta e excellente princeza e poderosa senhora!
Por me apartar da fée em que vivo, muytas vezes

tentado d'este diabo, e de todas minha firmeza pode
is que sua sabedoria, porque tam verdadeyro amor,
tam falsas tentações nam podia ser vencido. E co-
ecendo em seus experimentos a grandeza de minha
, me tentou na esperança, pondo diante mim a perda
minha vida e de minha liberdade, avendo por empos-
el o remedio de meus males. E com todas estas cou-
não me vencera, se mais nom poderam os desengua-
alheos que o seu enguano, com os quaes desesperey
uy posto em seu poder. Mas este Anjo que me guar-
vendo que minha desesperança nam era por mingua
fée, nem minha pena por minha culpa, se quys lem-
r de my e de quem me fez perder, em me trazer
ui, porque com sua vista o diabo me soltasse, e ellé
ndo meus danos, da parte que tem n'ellas se podesse
epender.

Cantigua que deu o Anjo

Senhora, no quyere Dios
que seays vos omecida,
em ser elh'alma perdida
de quien se perdio por vos.

Ordenó vuestra crueza
qu'este triste se matasse
en deixar-vos, y negasse
vuestra fée, qu'es su firmeza.

Mas ha permetido Dios
que por mi fuese valida
su alma, y que su vyda
se torna perder por vos.

Conde de Vimioso, *Canc. geral*, t. II, 157.

VILANCETE

QUANDO EL-REI VEO DE SANTIAGO, QUE FEZ O SENGULAR MOMO DE SANTOS, O QUAL VILANCETE HYAM CANTANDO DIANTE DO ENTREMEZ E CARRO EM QUE HYA SANTIAGUO: (1493.)

103

Alta rainha, senhora,
Santyaguo por nós ora!

Partymos de Portugal
catar cura a nosso mal,
se nos ele e vós nam val,
tudo é perdido agora.

Poys que somos seus romeiros
e das damas tam enteyros,
cessem já nossos marteyros
que nunca cessam hum'ora.

Pedimos a vossa alteza
em qu'estaa nossa firmeza,
que nam consinta crueza
n'este seram oos de fóra.

Aquy nos tem já presentes
de nossos males contentes;
poys nam valem aderentes,
oje nos valey, senhora.

Pero de Sousa Ribeiro, *Canc. geral*, t. III, p. 32[illegible].

BREVE

DE UMA MOURISCA RATORTA, QUE MANDOU FAZER A SENHORA PRINCEZA QUANDO CASOU (1451.)

104 A min rey de negro estar Serra Lyôa
lonje muyto terra onde viver nós,
andar carabela, tubao de Lixboa,
falar muyto novas casar pera vós.
Querer a mym logo vervos como vay;
leyxar molher meu, partyr muyto 'synha,
porque sempre nós servir vosso pay,
folgar muyto negro estar vós raynha.

Aqueste gente meu taybo terra nossa,
nunca folguar, andar sempre guerra,
nam saber quy que balhar terra vossa,
balhar que saber como nossa terra.
Se logo vos quer, mandar a mym venha,
fazer que saber tomar que achar,
mandar fazer taybo, lugar Dês mantenha
e loguo meu negro, senhora, balhar.

Cudel-Mór, *Canc. geral*, t. I, p. 172.

TERCEIRA EPOCA

ESCHOLA QUINHENTISTA

(SECULO XVI)

SECÇÃO 1.ª

ESCHOLA HISPANO-ITALICA

I GENERO EPICO: a) *Tradicional:* 105–109. Romances mouriscos, de cativos, sacros e arthurianos. b) *Litterario:* 110–111. Romances brulesco e com forma culta — 122–123. Poemetos — 114–118. Fabulas.

II GENERO LYRICO: a) *Tradicional:* 119. Modinha—120. Alvorada—121. Salva — 122–125. Orações — 123. Serranilha—124. Cantiga em Chacota—126. Jogo — 127. Adivinhação. b) *Litterario:* 128–130. Cantigas e Vilancetes — 131. Voltas — 132. Vilancete—133–5. Esparsas—136. Sextina á maneira italiana —137. Trovas—138–139. Arrenegos—140. Exclamações em Ecco — 141. Cantar de Solão — 142. Glosa de Solão — 143. Ecloga em redondilhas—144–145. Cartas.

III GENERO DRAMATICO: a) *Tradicional:* 146. Vigilia de Santos — 147. Auto hieratico, ou de devoção—b) *Litterario:* 148. Auto da Paixão.

*

ROMANCE DE *GUAI VALENÇA*

105 Ai Valença, guai Valença,
de fogo sejas queimada,
primeiro foste de Mouros
que de Christianos tomada;
alfaleme na cabeça,
en la mano uma azagaia,
guai Valença, guai Valença,
como estás bem assentada;
antes que sejam tres dias
de Mouros serás cercada.

Rom. geral, n.º 35.

ROMANCE DO MOURO ATRAIÇOADO

(VERSÃO INSULANA)

106 —Vesti-vos vós, minha filha,
vesti-vos d'ouro e prata;
detende-me aquelle Mouro,
de palavra em palavra.
As palavras sejam poucas,
sejam bem arrematadas,
essas poucas que lhe deres
sejam de amores tocadas.

«Bem vindo sejas, bom Mouro,
melhor a vossa chegada,
ha sete annos, oh bom Mouro,
que sou tua namorada.
—«Ha sete annos, vae em outo,
que eu por vós cinjo a espada!
«Se por mim cinjís a espada
com vosco quero ir de casa.
—«Se o fizerdes, senhora

não sereis mal avisada,
sereis rainha de Mouros
em minha terra estimada.
«Se por mim cinjis a espada
não digas que te fui falsa,
que eu vejo vir cavalleiros,
sinto-lhe tocar as armas.
Lá vejo vir uma armada,
n'ella vejo vir um homem
que se parece meu pae.
—«Eu não temo cavalleiros,
nem armas, que elles tragam;
não temo senão Gabello,
filho da minha egua baia,
que o perdi em pequenino
andando n'uma batalha.

Chegados os cavalleiros
elle se foi na desfillada.

—«Valha-me o Deos dos Mouros,
em tam comprida lavrada!
—Essa lavrada, perro mouro,
fora lavrada em *Maio*,
que os bois andavam gordos,
e os mancebinhos em bragas;
eram bois de cinco annos,
mancebos de vinte e quatro.
—«Oh mal haja o barqueiro
que não tem a barca na agua;
que a hora da minha morte
já para mim é chegada.

Cantos popul. do Archipelago açoriano, n.º 47.

ROMANCE DO CATIVO DE ARGEL

(VERSÃO INSULANA)

107 Os Mouros me cativaram
entre a paz e a guerra;
me levaram a vender
para Argelim, que é sua terra.
Não houve perro nem perra,
que o comprar-me quizera;
só o perro de um mouro
a mim só comprar havera.
Dava-me tanta má vida,
tanta má vida me dera!
de noite a moer esparto,
de dia a pizar canella;
punha-me um freio na bocca
para eu não comer d'ella;
mas parabens á ventura
da filha ser minha amiga;
quando o perro ia á caça
commigo se divertia;
dava-me a comer pão branco
do que o perro comia;
deitava-me em catre d'ouro,
junto commigo dormia.

«Christiano, vae a tua terra,
Christiano, eu bem t'o digo. . .
—Como posso ir a mi terra
se eu sou escravo e cativo?

Um dia pela manhã
mil branquinhas me trouxera:

«Toma lá, meu bom christão,
Resgate para tu terra;

Pelo Deos que tu adoras
tu não digas a meu pae.

Palavras não eram ditas
o patrão era chegado.

—Vem cá, oh meu bom turco,
vem-me agora aqui ouvir;
toma lá este dinheiro
para me eu redimir.
—«Vem-te cá, meu bom christiano,
dize-me aqui a verdade,
quem te deu esse dinheiro
para tua liberdade?
—Meu pae é um pobre velho,
por mim anda desterrado;
as manas que eu tivera
por mim andam assoldadas.
Um irmão que eu tinha
sentou praça de soldado;
me mandaram o dinheiro
para minha liberdade.
—«Oh vem cá, meu christiano,
vem agora aqui ouvir,
eu te faria alferes,
capitão d'este reinado,
dera-te a cara mais linda
que em Argel ha afamado.
—Como posso eu ser alferes,
capitão do teu reinado,
se eu trago a Jesus Christo
no coração retratado?
—«Vem-te cá, Angela, filha,
dize-me aqui a verdade!
se o bom do christiano
a ti deve a liberdade?

—Deixae vós ir o bom christiano,
que elle a mim não deve nada,
se não a flor de mi bocca,
que a dou por bem empregada.
Abre-me aquella janella,
fecha-me aquelle postigo,
Deos que me fez tão bella
Deos me hade dar marido.

Cantos do Archipelago, n.º 52.

ROMANCE DA VESPERA DO SACRIFICIO

(VERSÃO INSULANA)

108 Falou a Senhora a Christo,
grande pranto lhe fez ter:

«Oh meu filho tão amado,
parece que ouvi dizer,
que andavam os Phariseus,
meu filho, p'ra vos prender!
assim andaes demudado,
filho, a semana que vem,
vos hão de vir buscar prezo
p'ra ir a Jerusalem.
Meu filho, não vades lá,
filho da minha alegria!
eu não posso estar no mundo
sem a vossa companhia.
—Lagrimas de minha mãe,
que bem as vejo correr!
antes da festa chegar
tambem vos quero dizer:
que terei crueis martyrios
pelas ruas e caminhos,

na cabeça me porão
uma corôa de espinhos,
e a corôa é toda feita
feita de juncos marinhos.
Corra verdadeiramente
corra o sangue do meu lado
para abrandar o meu povo
que vae tão atormentado.

Quem esta oração souber
e por um anno a resar,
Jesus lhe manda dizer
a hora em que hade acabar.

Cantos do Archipelago, n.º 67.

ROMANCE DE DOM DUARDES

(VERSÃO DO CAV. D'OLIVEIRA)

109 Era pelo mez de Abril,
de Maio antes um dia,
quando lyrios e rosas
mostram mais alegria;
era a noite mais serena
que fazer no céo podia,
quando a formosa infanta
Flérida já se partia;
e na horta de seu padre
entre as arvores dizia:

«Com Deos vos ficade, flores,
que ereis a minha alegria!
vou-me a terras estrangeiras
pois lá ventura me guia;
e se meu pae me buscare,

pae que tanto me queria,
digam-lhe que amor me leva,
que eu por vontade não ia;
mas tanto ateimou commigo
que me venceu c'oa a porfia.
Triste não sei onde vou,
e ninguem m'o dizia!...

Ali fala Dom Duardos:

—Não choreis, minha alegria,
que nos reinos de Inglaterra
mais claras aguas havia,
e mais formosos jardins,
e flores de mais valia.
Tereis trezentas donzellas
de alta genealogia;
de prata são os palacios
para vossa senhoria;
de esmeraldas e jacinthas
e ouro fino de Turquia,
com letreiros esmaltados
que a minha vida se lia,
cantando das vivas dores
que me destes n'esse dia,
quando com Primaleão
fortemente combatia;
mataste-me vós, senhora,
que eu a elle não temia...

Suas lagrimas enchuga
Flérida, que isto ouvia.
Já se foram ás galeras
que Dom Duardos havia;
cincoenta eram por conta
todas vão em companhia.

Ao som do doce remar
a princeza adormecia
nos braços de Dom Duardos
que tão bem a merecia.

Saibam quantos são nascidos
sentença que não varia:
contra a morte e contra amor
que ninguem não tem valia.

Gil Vicente.

PARODIA BURLESCA DO ROMANCE *YO ME ESTAVA EM COIMBRA.* (1526)

Yo me estaba em Coimbra,
cidade bem assentada;
pelos campos do Mondego
não vi palha nem cevada.
Quando aquillo vi, mesquinho,
entendi que era citada
contra os cavallos da côrte,
e minha mula pelada.
Logo tive a máo signal
tanta milham apanhada,
e a peso de dinheiro
ó mula desamparada.
Vi vir ao longo do rio
uma batalha ordenada,
não de gente, mas de múis
com muita raiva pisada.
A carne está em Bretanha
e as couves em Biscaia.
Sam capellam d'um fidalgo
que não tem renda nem nada;
quer ter muitos apparatos,
e a casa anda esfaimada;

toma ratinhos por pagens,
anda já a cousa danada.
Quero-lhe pedir licença
pague-me a minha soldada.

Gil Vicente, *Obras*, t. III, p. 202.

ROMANCE

DA BATALHA QUE EL-REY ARTHUR TEVE EM MORDERET, SEU FILHO

111 Gram Bretanha desleal,
ao melhor rei que tiveste
d'agora té o fim do mundo
chora quanto bem perdeste:
Jaz no campo, entregue á morte
que falsa, ingrata, lhe deste,
a flor da cavalleria
com que te ensoberveceste.
A pena tem já da culpa
que lhe assi favoreceste,
oh traidor de Morderet,
porque um tal rei vendeste?
Oh Bretanha desleal
que grande traição fizeste,
a vinte e quatro da Tavola
que por Ginebra escolheste.
A' Demanda do Grial
triste remate poseste;
morto jaz de mil feridas,
e tu, soberba lh'as deste,
Dom Galvão tão animoso
por quem mil glorias tiveste;
e matar Dom Galeazo,
ingrata, como podeste?
Que em obras de fortaleza

não sei se outro egual houveste!
pôde matar-te Bretanha
que tu tanto engrandeceste!
Esforçado Flordemares,
que em forças mares venceste,
a morte, que em defenderes
tal rei, d'ella padeceste.
Oh animado Troyano,
nunca lh'o tu mereceste,
mal lhe merecias, mal
o que d'ella recebeste.
Palamedes, oh pagão,
que nas armas floreceste;
Dom Tristão de Leonís
que por amores morreste;
eu não morrerei aqui
ditosa morte tiveste
tu, Lançarote do Lago,
que as glorias de amor houveste;
de damas servido, amado
da dona a quem mais quizeste,
com dano dos traydores
á morte a que te rendeste.
Ficarás sem sepultura
co'a pena que mereceste
tu, traidor Morderet,
pois tal traição commetteste.
Aqui se acabou a gloria
quanta, Bretanha, tiveste:
em pago da qual a Arthur
nem a sepultura deste.
Cá na Ilha de Avalom,
Merlim, vergel lhe fizeste
em que vive e só salval-o
de affronta e morte pudeste.
Como amigo, que as más manhas

de Bretanha conheceste,
mas n'algum tempo inda Arthur
bom rei que desmereceste
Bretanha virá a vingar-se
da traição que lhe fizeste.

Jorge Ferreira, *Memorial*, cap. III.

POEMETO

AO DUQUE DE BRAGANÇA QUANDO TOMOU AZAMOR, EM QUE CONTA COMO FOY. (1513)

112 A quinze d'Agosto de treze e quinhentos
da era de Christo, nosso redemtor,
do que se passou, estay muy atentos:
no dia da madre do mesmo Senhor,
o Duque eycelente, nosso guiador,
Dom James, da casa d'antigua Bragança,
de gente levando muy grande pujança,
geral capitam partiu vencedor.

. . . . . .

No dia da festa da santa Assumpçam,
partio de Lixboa com toda sa frota,
muy apontada em tal perfeiçam
qual outra nom vimos, nem livros se nota.
Assy todos juntos seguyram sa rota,
juntando-se em Fáram a nobre campanha
de condes, fidalgos, mais nobres d'Espanha,
onde surgiram tod'alma devota.

Levando comsigo a bandeira real
que nunca vencida se pode dizer,
pois he invencivel aquelle sinal
tomado das chagas que quis padecer

O summo bem nosso com muytos marteyros,
porque salvasse o mundo perdido;
tambem senefica os trinta dinheiros
per cujo preço foy Christo vendido.

Depoys de chegados e todos surgidos,
quando vio tempo mais conveniente,
senhores, fidalgos foram requeridos,
qu'a ele se fossem todos juntamente.
Dos que congregados com ele presente
lhes fez huma falla de tanto primor,
como aquelle que tem gram favor,
ajuda sossidio de mays eloquente:

Onde per ele lhes foy decrarado
toda a tençam del-rey, seu senhor,
que foy envial-o sobre Azamor
pola maldade do erro passado.
C'a todos pidia que d'amor e grado
quisessem sem outra vontade, nem zello
em sua tomada tambem cometel-o,
pera que sempre lhes fosse obrigado.

Porque, depoys de ter esperança
em nosso Senhor de lhe dar vitorea,
em elles levava tanta confiança
pera todo feyto mais dyno de grorea.
Que lhes pedia qu'ouvessem memorea
das cousas de Roma quando prosperava,
em quanta maneira a ley se goardava,
segundo se nota na sua estorea.

Com Romus e Romulo tambem alegando,
de quando s'aquella cidade fundou,
a pena que ouve, porque quebrantou
a ley, que foy pósta em se começando.

Que lhes pidia, que nunca desmando
a guerra durante em eles ouvesse,
mas que obedecessem ho qu'ele quisesse,
e que elle sempre seria a seu mando.

Com doces palavras forradas d'amor,
com muy animoso desejo e vontade,
com mil cortezias, com grande favor,
com humas entranhas de pura verdade,
Assy os provoca, com tal mansidade,
que todos respondem, dizendo: Senhor,
nosso desejo he muyto maior
do que nos pidis, em gram quantidade.

Ouvyndo palavras tão bem rasoadas
ficou de contente a tam satisfeyto,
de sa senhoria a tam estimadas,
que o por fazer estimou por feyto,
dizendo: que sempre seria sogeyto
fazendo por todos, como bem veriam,
que d'y en diante eles conheceriam
as suas palavras ficar em effeyto.

Prossigue:

Eram quatrocentas as velas d'armada,
sobre cinquoenta, sem huma faltar,
foy huma das cousas mays para notar
que vimos, nem vio a gente passada.
Tam posta em ponto, tam aparelhada
de todalas cousas que se requeriam,
e d'artelharia tambem compassada
que nada faltava, segundo deziam.

Partimos em ponto, sem mays esperar,
depoys d'esta falla assy acabada,

e em poucos dias podémos chegar
aa boca do rio da cidad Onrada.
E porque a barra estava çarrada,
e era um pouco perigoso d'entrar,
ouve conselho com detreminar
que em Mazagam fosse terra tomada
. . . . . .

Luys Anriquez, *Canc. geral*, t. II, p. 277.

ESBOÇO DE EPOPÊA EM ENDECHAS

113 . . . . . .
O campo de Ourique já'gora he contente
da grande victoria que n'elle será,
onde Christo em carne apparecerá,
mostrando as chagas publicamente.
Ao qual este rey santo e prudente
dirá:—O' meu Deos, a mim pera que?
sê aos herejes, imigos da fé,
fé, em que eu ardo d'amor mui ardente.

O' armas divinas, que aqui sereis dadas,
dadas por Christo por mais perfeição,
ter-vos-hão todos tal veneração
quanto com obras sereis exalçadas.
Porque pelas terras ireis espalhadas
banhadas em sangue de nossa victoria,
cobrando de imigos tão grande memoria
que sobre todas sereis collocadas.

E tu esforçado Dom Sancho, serás
aquelle a quem elles hão de seguir
té chegar ao rio de Gualdaquivir,
que com sangue de imigos escurecerás:
E por mais mereceres, depois tomarás

a cidade de Silves contraminando,
e as almas dos corpos sempre tirando
de corpos de Mouros que ali matarás.

Alcacer do Sal será bom penhor,
oh mui poderoso Dom Affonso segundo,
de tuas obras cá n'este mundo,
e no outro corôa de conquistador;
E partindo para elle mui vencedor,
a teus leixarás Dom Sancho capello
por rei de virtudes e obras de zelo,
de zelo mui santo e clemente senhor.

Bolonha, Bolonha, quanto hasde perder,
e tu Portugal quanto hasde cobrar
no terceiro Affonso, que se hade chamar
rei do Algarve, por seu gram saber!
Aqueste por mais se ennobrecer
dourados castellos em campos vermelho
porá na orla das Quinas, e espelho
em que todalas armas se poderão vêr.

Paderne, Alvor, Silves e Loulé
e Faro sentem já o destroço
do grande poder e bravo esforço
d'elle que hade pugnar pela fé.
E o grande favor que foi sempre e he
em ajuda das obras de tal calidade,
será n'estas suas com prosperidade
que as erga, exalce e ponha de pé.

O justo Diniz tão nobre e clemente,
lhe succederá como filho primeiro,
em obras de princepe mui verdadeiro,
e em todalas cousas sabido e prudente.
E por mais estender seus povos e gente

fundará as villas e nobres logares,
igrejas maiores, sagrados altares,
em que se louve por muy excellente.

. . . . . .

E aquelle gram Cabo de Boa Esperança
que tanta de terra esconde ao mundo,
virá mui alegre com rosto jocundo
a lhe obedecer sem alguma tardança.
De terras e povos fazendo uma dança
vindo cantando com doce armonia
estas palavras de grande alegria:
Vivamos cantando com tanta bonança.
. . . . . .

E quem a todos trará dianteira,
e para tal festa estará mais a pique,
será o fiel e leal Moçambique,
vindo Çofála por essa bandeira.
A qual é louvada por ser thesoureira
do mais precioso e louvado metal,
e com vozes alegres dirá: Portugal
me fez para sempre sua prisioneira.
. . . . . .

João de Barros, *Clarimundo*, cap. 4, liv. 3.

FABULA DO LEÃO E DA RAPOSA

114

Os desejos são sem termo,
A esperança é saborosa;
Eu contento-me d'este ermo,
Pela razão da Raposa
Que deu ao Leão enfermo:

«Meu rei, meu senhor Leão,
O'lho cá, e ólho lá,
Vejo pégadas no chão
Que todas para lá vão,
Nenhuma vem para cá.»

Sá de Miranda, *Carta a Pero Carcalho.*

O RATO DO CAMPO E O RATO DA CIDADE

Um rato d'uma cidade
Tomou-o a noite fóra,
(Quem foge á necessidade!)
Lembrou-lhe a velha amisade
D'outro que hi no monte móra.

— Saiu-me a conta errada,
(Muitas vezes acontece)
Creceu-me a minha jornada.
(Diz, entrando na pousada
Logo cidadão parece.)

O pobre assi salteado
D'um tamanho cidadão,
Em busca de algum boccado
Vae, e vem muito apressado,
Que não punha os pés no chão.

Ordena sua mêzinha,
Inda tinha algum legume,
Inda algum pó de farinha;
Poz-lhe hi tudo quanto tinha,
Pede perdão por costume.

Diz: «Quem tal adivinhára.
(Contra o cidadão severo)

Tanto revolvera e andára,
Que alguma cousa buscára
A quem tanto devo e quero.

Cumpre muito aquella mesa,
Mais da fome que da gulla;
Tem a fogueirinha accesa,
Faz rosto ledo á despeza,
Co trabalho dissimula.

Diz o cidadão comsigo:
—Que gente ha entre penedos!
Que vae de Pedro a Rodrigo!
Bem disse o bom senso antigo,
Que não são eguaes os dedos.—

Depois do fraco comer,
Estando de traz do lar,
Começa o rico a dizer:
—Dous dias que has-de viver
Aqui os queres passar?

Na aspereza do dezerto,
Que não sei quem o supporte,
D'urzes e tojos cuberto,
Sendo tudo tão incerto
E tão certa só a morte?

Vive, amigo, a teu sabor,
Mais é que cousa perdida,
Quem por si toma o peor,
Vae-te commigo onde eu for,
Lá verás que cousa é vida.

Quando a ambas provares,
(Que eu d'outrem não adivinho)

Quando te enganado achares,
Aí ficam teus manjares,
Ahi tens tambem o caminho.—

Assi disse. Eis o villão
Em alvoroço o balança,
Ia e vinha o coração,
Ora si e ora não;
Venceu porem a esperança.

E que pode hi al fazer?
Vive com tanto cansaço,
Inda não póde viver
Não pode o anno vencer,
Que lhe assi corre d'espaço.

E diz: «Quem não se aventura
Não ganha, quem ha que o negue?»
Escolhem hora segura,
Era pela noite escura
Guia o rico, o outro segue.

Entram por paços dourados,
Cheirosos inda da cêa;
Fiquem os casaes colmados
Por sempre de sol torrados,
Fique a faminta da aldêa.

Vou-me por meu conto avante;
Amostra o cidadão tudo,
Que traz no bucho um infante;
Quem quereis que não se espante?
Anda o villãosinho mudo.

Que tão sómente em provar
Das cousas que mais lhe aprazem,

Começam já de engeitar,
Começam de bucejar,
Em finos tapetes jazem.

Ora o dispenseiro chega,
(Que estes bens não duram tanto)
Sente-os, mas a pressa o cega,
Um tiro e dois mal emprega,
Segue-os de canto em canto.

Os cães á volta correram,
Ladram, que é alto serão,
As casas estremeceram,
Uns e outros hi correram,
Quiz Deos, que os gatos não.

Sabia o da casa a manha,
Sabia os-passos, fugiu;
O ratinho da montanha
Aos pés, em pressa tamanha,
O coração lhe caiu.

Mas espaçado o perigo
Da morte que ante si vira
O coutado assi comsigo
Pelo seu repouso antigo
Que mal deixara, suspira:

«Minha segura pobreza,
Se chegarei a ver quando
A ti torne? e esta riqueza,
Mal que todo o mundo préza,
Fuja se poder voando.

Mal tomadas esperanças
A paga aqui não me tome.

Traças, que não abastanças,
Assás vi de vossas dansas,
Deos me torne á minha fome.

Sá de Miranda, Carta a Mem de Sá. (1543)

A CHUVA DE MAIO

Dia de Maio chuveu,
A quantos a agua alcançou
O miolo revolveu;
Houve um só que se salvou,
Que ao cuberto se accolheu.
Dera vista ás semeadas,
As que tinha mais visinhas,
Viu armar as trovoadas,
Acolhe-se ás bem vedadas,
Das suas baixas casinhas.

Ao outro dia um lhe dava
Paparotes no nariz,
Vinha outro, que o escornava;
Aí tambem era o juiz
Que se de riso finava.
Bradava elle:—Homens, estay!
Iam-lhe co dedo ao olho,
Disse então:—E assi che vae?
Não creo logo em meu pay,
Se me d'esta agua não mólho.—

Apaixonado qual vinha,
Achou um charco que farte,
(O conselho avido o tinha)
Molhou-se de toda a parte,
Tomou-a como mésinha.
Quantos viram, lá correram,

Um que salta, outro que trota,
Quantas graças lhi fizeram!
Logo todos se entenderam,
Fil-os vão n'uma chacota.

Sá de Miranda, *Ecl.*, p. 262. (Ed. 1804).

O BÁCORO OVELHEIRO.

117 Um Bacorote honradiço
Foy ver o gado ovelhum,
Pôl-o todo a seu serviço,
Trombejava ali: Hum! e hum!
Que espantal-o era o seu viço.
Vem um dia o Lobo, e apanha
O Bacorote engrifado;
Abrandou-lhe aquella sanha;
Brada elle em pressa tamanha,
Cada um de si tem cuidado.

Vinham os porcos da aldea
Atraz, e grunhir ouviram;
Um escuma, outro esbravca,
Estes sim, que lhe accudiram.
Perde o Lobo a sua cêa.
Olhou elle e viu tremer
De lam branca o gado, e olhando
De longe se põe a vêr,
Disse:—Antes mandado ser,
Que a tal perigo tal mando.

Sá de Miranda, *Ibid.*, p. 242.

---

118 O CAVALLO E O CERVO

Quando tudo era fallante
Pascia o Cêrvo um bom prado,
Ai veiu o Cavallo andante,
Quiz comer algum boccado,
Poz-se-lhe o Cêrvo diante.
Outra rasão lhe não deu,
(Que eram pacigos geraes)
Salvo: «Posso e quero o meu;»
Este meu e este teu
Tanto ha já que nos fez taes.

Vendo tão pouca prestança
O Cavallo d'antes fôrro
Com desejo de vingança
Pedindo ao homem socorro
Por terra aos seus pés se lança.
Não pode á justa querella
Deixar de se pôr no meio;
Mas foi necessaria a sella,
Fez-se o homem forte n'ella,
Toma a redea, prova o freio.

Assi dão volta ao inimigo.
O Cêrvo quando tal viu,
Homem ao Cavallo amigo
Deixou-lhe o campo e fugiu,
Foi buscar outro pacigo.
O Cavallo vencedor
Corre o verde e corre o secco,
Fóra, fóra o contendor,
Ficou-lhe porém senhor,
Não foi tanto o outro enxeco.

Quem ha tal medo á pobreza
Tal á fome e frialdade,
Que por ouro e por riqueza
Dá só rica liberdade,
E mais outrem que a si preza.
Se lhe vês herdades largas
Não hajas inveja á troca,
Que embaraçã as roupas largas, *(as alpargas)*
Faz sangue o freio na bocca,
As esporas nas ilhargas.

Sá de Miranda, *Ibid.*, p. 251.

MODINHA POPULAR BRAZILEIRA

119 «Vem cá Vitu! Vem cá, Vitu!
—Não vou lá, não vou lá, não vou lá.
«Que é d'elle o teu camarada?
—Agua do monte o levou.
«Não foi agua, não foi nada,
Foi cachaça que o matou.

Ap. *Florilegio*, de Varnh., t. 1, p. XXII—XXIII.

ALVORADAS DA SENHORA DO CARDAL

(VERSÃO DE POMBAL)

120

Vindas são as alvoradas;
E' levada alva.
Que são da Virgem sagrada,
E' levada alva.
Rainha dos ceos
E' levada alva.
Sois dos anjos coroada
E' levada alva.

A' porta d'este mordomo
E' levada alva.
Deos lhe deixe fazer o bodo,
E' levada alva.
Que elle tem muita vontade
E' levada alva.
Deos lhe dê muita saude
E' levada alva.
Para Frandes é andada
E' levada alva.
Parreirinha de Aguada
E' levada alva.

(Ap. *Epopêas mosarabes*, p. 30[illegible]

RUMOR

—Oh Dona Maria,
Pombinha sem fel,
Porque te matou
Aquelle cruel.

Em dia de Sam Braz
Ouve, n'este dia,
Mataram o Abbade
E Dona Maria.

(Ap. Almeida, *Dicc. abr. de Chorograph.*, t. 1, p. [illegible]

---

121 SALVA DA EGREJA DO PORTO

MOÇOS DO CORO:

Boa gente! boa gente
Fazeie penitencia,
Sé vos quereis salvare!
Confessade e commungade,
Que este mundo é vaidade.

OS CONEGOS: *(De joelhos)* *Bis.*

MOÇOS: Senhor Jesus Christo,
Misericordia com piedade.

(Ap. *Agiologio Lusitano*, t. III, p, 114.)

FRAGMENTO DE ORAÇÃO

122 Antoninha pequena
Dos olhos grandes,
Mataram-te idolatras
E feros gigantes.

(Ibid.)

SERRANILHA POPULAR

123 —D'onde vindes, filha
Branca e colorida?
«De lá venho, madre,
De ribas de um rio;
Achei meus amores
N'um rosal florido.
—Florido, enha filha
Branca e colorida?
«De la venho, madre,
De ribas de um alto,
Achei meu amores
N'um rosal granado.
—Granado, enha filha,
Branca e colorida.

Gil Vicente, *Obras*, III, 270.

CANTIGA EM CHACOTA DE PASTORES

124 Não me firaes, madre,
Que eu direi a verdade.

Madre, um escudeiro
Da nossa rainha,
Falou-me d'amores,
Vereis que dizia.
Eu direi a verdade.

Falou-me d'amores
Vereis que dizia:
Quem te me tivesse
Desnuda em camisa!
Eu direi a verdade.

Gil Vicente, *Obras*, II, 445.

ORAÇÃO DE SANTA APOLLONIA

(VERSÃO INSULANA)

125 A Virgem Santa Apollonia
Pelos calháos do mar ia;
E com a dor dos seus dentes
Encontra a Virgem Maria.

E perguntou-lhe a Senhora:
«Santa Apollonia aonde ia?
Ella respondeu:—Senhora,
Em cata de vós me ia.

«Torna atraz, Santa Apollonia,
Que por esses nove mezes
Que andei com o filho no ventre
Que os teus dentes se adormentem.

Cantos popul. do Archipelago, p. 135.

JOGO POPULAR

126 E no penedo, João Preto
E no penedo.

Quaes foram os perros,
Que mataram os lobos,
Que comiam as cabras,
Que roiam o bacello,
Que puzera João Preto
No penedo?

Ap. Gil Vicente, *Obras*, II, 448.

ADIVINHAÇÃO POPULAR

127 Ainda o pae não é nado,
Já o filho anda por cima do telhado?

Ap. João de Barros, *Grammat.*, p. 176.

CANTIGA DEVOTA DA ASCENSÃO DE NOSSO SENHOR

128 O meu doce amigo
Que eu tanto queria,
Foi-se o outro dia
Sem fallar commigo;
Lá leva comsigo
A minha vontade;
Fica-me a saudade.

Leva o coração
Dentro no seu lado,
Vêde se é rasão
Ter outro cuidado.

Serei só lembrado
Da sua bondade,
E da minha saudade.

Gastarei os dias
Chorando por elle,
Minhas alegrias
Foram-se com elle;
Que farei sem elle
N'este triste valle
Cheio de saudade.

Foste-vos á gloria
Eu fico na terra,
Vós tendes victoria
Eu estou em guerra.
Oh quem me désse
Da minha piedade
Fermosura, bondade.

E pois vos não vejo
Lá onde estaes
Estará meu desejo
Estarão meus ais.
Que não acabais
Tanta saudade
E tão de verdade.

O' que pura sorte
Em mim é cumprida,
Pois desejo a morte
E alargas-me a vida.
Mas não tenho perdida
A minha saudade
Do Senhor de verdade.

Levae-me, Senhor,
Que faço aqui,
Se não o amor
Me tirará de mim.
Viver eu assim
Em tanta saudade
Parece crueldade.

Glorioso dia
Que vos heide ver,
Mas quando seria,
Ou se hade ser.
Caro é o viver
Que aparta a amisade
E deixa saudade.

Jorge da Silva, *Tratado da creação do mundo.* (1552).

VILANCETE, NO AUTO DE ABEL

129

Adorae, montanhas
O Deos das alturas,
Tambem as verduras;
Adorae desertos
E serras floridas
O Deos dos secretos,
O senhor das vidas:
Ribeiras crecidas
Louvae nas alturas
Deos das criaturas.
Louvae arvoredos
De fructo presado;
Digam os penedos
10 Deos seja louvado.

E louve meu gado
N'estas verduras
O Deos das alturas.

Gil Vicente, Obras, I, 317.

CANTIGA DE ABEL, NO AUTO DO DIA DE JUIZO

Doloroso gado
De tanto primor,
Dôa-te o fado
Do triste pastor.

Lembrae-vos, cordeiros
Da minha tristura,
Ovelhas, carneiros,
Que pastaes verdura.
Abel sem ventura
De vós apartado,
Meu gado amado,
De mim com amor,
Dôa-te o fado
Do triste pastor.

Doei-vos de quem
De vós se doía;
Lembrae-vos tambem
Minha companhia,
De quem ser soía
Sou outro tornado
Ficaes só deixado,
Sem ter guardador.
Doei-vos do fado
Do triste pastor.

Anonymo.

VOLTAS

A ESTA CANTIGA QUE CANTAM PELAS RUAS EM DIALOGO

131 N'aquella alta serra
Me quero ir morar,
Quem me quizer bem,
Quem bem me quizer
Lá me irá buscar.

Voltas

N'estes povoados
Tudo sam requestas,
Deyxae-me os cuidados
Que eu vos deixo as festas.
D'aquellas florestas
Verey longe o mar,
Por-me-hey a cuidar.

Responde a parceira

Sombras e aguas frias
Quando o sol mais arde;
Depois sobre a tarde
Por cá bradarias,
Vês, que pressa os dias
Levam sem cansar,
Nunca ham de tornar.

A Primeira

Nam julgue ninguem
Nunca outrem por si,
Mais de um bem que ouvi
A vida nam tem.

*

Nam deixa este bem,
Onde s'elle achar
Mais que desejar.

A parceira

Deyxa as vaidades
Que da mão á bocca
O prazer se troca,
Trocam-se as vontades.
Essas sam saudades
Armadas no ár,
Que podem durar?

N'aquella espessura
Me heyde ir esconder,
Venha o que vier
Achar-me-ha segura;
Se tal bem não dura
Ao seu trespassar
Tudo ha-de acabar.

Sá de Miranda, *Obras*, p. 314. Ed. 1667.

VILANCETE POR OUTRO QUE DIZ: *SERRANA ONDE JOUVESTE,* FEITO MEIO DORMINDO

132 Coração onde jouveste,
Que tão má morte me déste?

Toda a noite pelejei
Eu que já mais não podia,
Busquei-vos, não vos achey,
Sem vós, eu só que faria?
Destes-me dores de dia
Polo que assi me fizestes,
De noite dores me destes.

Sá de Miranda, *Obras*, p. 383. Ed. 1804.

ESPARSAS

133 Cerra a serpente os ouvidos
aa voz do encantador;
eu nam, e agora com dor
quero perder os sentidos.
Os que mais sabem do mar
fogem d'ouvir as serêas,
eu nam me soube guardar;
fui-vos ouvir nomear,
fiz minh'alma e vida alhêas.

Sá de Miranda, *Canc. geral*, II, 324.

---

134 Porque pudera abafar
Senhora, o mudo se ouvira,
a natureza lhe tira
o ouvir e o falar.
Poys s'avia de nacer
d'ouvir tal desejo em my,
coytado, pera que ouvi,
poys que vos nam posso vêr.

Sá de Miranda, *Ib.*, p. 322.

Nam passeis vós, cavalleiro,
Tantas vezes por aqui,
Que abaixarei meus olhos,
Jurarei que vos não vi.

Se me quereis de verdade
Nam m'o deis a entender,
Folgae muito de me vêr
Dentro na vossa vontade;
Merecey-me em soydade,
Mas se passais por aqui,

Pois não tenho liberdade
Jurarei que vos não vi.

Quem tanto mal por vós sente
Nam lhe deveis causar mais;
E pois em minha alma estaes
Nam deis que fallar á gente;
Ynda que nam stejais ausente
Sempre vos vejo em mim;
Mas se mais vos vir presente
Jurarei que vos não vi.

Cristovam Falcão, (Ed. da Colonia, de 1559, fl. CLXIV. V.)

---

135 Ysabel e mais Francisca
Ambas vão lavar ao mar,
Se bem lavam, melhor torcem,
Namorou-me o seu lavar.

Lavam com grande socego,
Sem fazer nenhum rogido,
Ynda que o mar he crecido
Faziam-no andar quedo;
Ambas em hum penedo
Lavam com doce cantar,
Se bem lavam, melhor torcem,
Namorou-me o seu lavar.

Vam-se ao longo da praia,
Afastadas do logar,
Deitam a roupa a enxugar
A' sombra de uma faya;
Ysabel encolhe a saia,
Francisca deixa molhar,
Se bem lavam, melhor torcem,
Namorou-me o seu lavar.

Eu me achei no presente
Onde estavam escondidas
E no penedo metidas
Lavando secretamente;
Mais quizera ser ausente
Que presente me achar,
Se bem lavam, melhor torcem,
Namorou-me o seu lavar.

Lavam com lagrimas vivas,
Todas as vans esperanças,
Batem em desconfianças,
Ahi vos torcem as vidas;
Inda d'isso mal servidas
Piores de contentar,
S'ellas bem lavam melhor torcem,
Namorou-me o seu lavar.

Christovam Falcão, *Ibid.*, fl. CLXV.

SEXTINA Á MANEIRA ITALIANA

136 Não posso tornar os olhos
D'onde os não leva a rasão.
Quem porá ler á vontade
Confirmada do costume?
Vontade que as suas leis
Manda defender por força?

Isto que al he senão força
Que me fazem os meus olhos?
Quebrantadores das leis
Brada apoz mim a razão;
Mas que val contra o costume
Que senhorêa a vontade.

Conselhos vãos á vontade,
Que só póde, e só sem força,
Ajudada do costume,
Vós não podeis estes olhos
Alçar um pouco á razão
Que faz e desfaz as leis.

Amor, taes são tuas leis,
Tal dureza a da vontade,
A gram mingoa da rasão;
Queira ou não queira he por força
Que se me vão estes olhos
Onde se vão por costume.

Não valem leis sem costume,
Val o costume sem leis,
Ay escravos dos meus olhos,
Mandados da má vontade,
A que déstes tanta força
Em desprezo da rasão.

He morta ou dorme a rasão,
Não sente já por costume,
Que farei á maior força?
Ajam piedade as leis
De quem entregue á vontade
Vae prezo após os seus olhos.

Olhos apos á vontade,
As leis após o costume,
Apoz a força a rasão.

Sá de Miranda, *Obras*, p. 419. Ed. 1804.

TROVAS Á MORTE DE DONA YNES DE CASTRO, ENDERENÇADAS AS DAMAS

137 Senhoras, s'algum senhor
vos quizer bem, ou servir,
quem tomar tal servidor
eu lhe quero descobrir
o gualardam do amor.
Por sua mercê saber
o que deve de fazer
vej' o que fez esta dama
que de sy vos dará fama,
s'estas trovas quereis ler.

Fala Dona Ynes:

Qual será o coraçam
tam crú e sem piedade,
que lhe nam cause paixam
huma tam gram crueldade
e morte tam sem rezam!
Triste de mym, ynocente!
que por ter muyto fervente
lealdade, fé, amor,
ho princepe, meu senhor,
me mataram cruamente!

A minha desaventura,
nam contente de acabar-me,
por me dar mayor tristura,
me foy por em tanta altura
para d'alto derribar-me.
Que se me matara alguem
antes de ter tanto bem,
em taes chammas nam ardera,
pay, filhos nam conhecera,
nem me chorára ninguem.

Eu era moça menina
per nome dona Ynes
de Crasto, e de tal doutrina
e vertudes, que era dina
de meu mal ser ho revés.
Vivia sem me lembrar
que paixam podia dar,
nem dal-a ninguem a mim;
foy-m' o princepe olhar
por seu nojo e minha fym.

Começou-m' a desejar,
trabalhou por me servir,
fortuna foy ordenar
dois corações conformar
a huma vontade vyr.
Conheceo-me, conheci-o,
quiz-me bem, e eu a elle,
perdeu-me, tambem perdi-o,
nunca té morte foi frio
o bem que triste puz n'elle.

Dey-lhe minha liberdade,
nam senty perda de fama,
puz n'elle minha verdade,
quys fazer sua vontade
sendo muy fremosa dama.
Por m'estas obras paguar,
nunca jamais quys casar,
polo qual aconselhado
foy el-rei, qu'era forçado
polo seu de me matar.

Estava muy acatada,
como princeza servida,
em meus paços muy honrada,

de tudo muy abastada
de meu senhor muy querida.
Estando muy de vaguar
bem fóra de tal cuidar,
em Coimbra d'asceseguo,
polos campos de Mondego
cavalleiros vy somar.

Como as cousas qu'am de ser
loguo dam no coraçam,
comecey entristecer
e commiguo só dizer:
estes homens d'onde yram?
E tanto que preguntey,
soube logo que era el-rey;
quando o vy tam apressado,
meu coraçam trespassado
foy, que nunca mais faley.

E quando vy que decia,
sahy á porta da sala,
devinhando o que queria
com gram choro e cortezia
lhe fiz uma triste fala.
Meus filhos puz derredor,
de mim com gram omildade;
muy cortada de temor
lhe disse: avey, senhor
d'esta triste piadade:

Nam possa mays a paixam
que o que de deveis fazer,
metey n'isso bem a mão:
que é de fraco coraçam
sem porque matar molher.
Quanto mais a mim que dam

culpa, não sendo rezam,
por ser mãy dos ynocentes,
os quaes vossos netos sam.

E tem tam pouca ydade
que, se nam *forem* criados
de mim, só com saudade
e sua gram orfyndade
morreram desamparados.
Olhe bem quanta crueza
fará n'isso voss'alteza,
e tambem, senhor, olhay,
poys do princepe soys pay,
nam lhe deis tanta tristeza.

Lembre-vos o grande amor
que me vosso filho tem,
e que sentira gram dor
morrer-lhe tal servidôr
por lhe querer grande bem.
Que s'algum erro fizera,
fora bem que padecera,
e qu'estes filhos ficaram
orfãos tristes e buscaram
quem d'elles paixão houvera.

Mas poys eu nunca **errey,**
e sempre mereci mais,
deveys, poderoso rey,
nam quebrantar vossa ley,
que se moyro, quebrantaes.
Usay mais de piadade
que de rigor nem vontade:
avey dó, senhor, de mym,
nam me deis tam triste fim
pois que nunca fiz maldade.

Elrey, vendo como estava,
houve de mim compaixam,
e vy-o que não oulhava,
que eu a elle nam errava,
nem fizera traiçam.
E vendo, quam de verdade
tive amor e lealdade
ho princepe, cuja sam,
pôde mais a piadade
que a determinaçam.

Que se m'ele defendera
c' a seu filho nam amasse,
e lh'eu nam obedecera,
entam com rezam podera
dar-m' a morte qu'ordenasse.
Mas vendo que nenhum'ora,
des que naci atégora
nunca n'isso me falou,
quando d'isto se lembrou
foi-se pola porta fóra.

Com seu rosto lagrimoso,
c'o proposito mudado,
muyto triste, muy cuidoso,
como rey muy piadoso,
muy christam e esforçado.
Hum d'aquelles que trazia
comsiguo na companhia,
cavaleyro desalmado
de traz d'ele muy irado
estas palavras dezia:

—Senhor, vossa piadade
he dina de reprender,
pois que sem necessidade

mudaram vossa vontade
lagrimas d'uma molher.
E quereys qu'aberreguado
com filhos, como casado,
estê senhor vosso filho?
de vós mais me maravilho,
que d'ele qu'é namorado.

Se a loguo nam matais
nam sereis nunca temido,
nem faram o que mandays
do conselho qu'era avido.
Olhay que justa querella
tendes, poys por amor d'ella
vosso filho quer estar
sem casar e nos quer dar
muyta guerra com Castela.

Com sua morte escusareis
muytas mortes, muytos danos,
vós, senhor, descansareis,
e a vós e a nós dareis
paz para duzentos annos.
O princepe casará,
filhos de bençam terá,
será fóra de pecado,
c'aguora seja arrojado
a nenhum lh'esquecerá.—

E ouvindo seu dizer
el-rey ficou muy torvado,
por se em mais extremos ver,
e que avia de fazer
ou de um ou de outro forçado.
Desejava dar-me vida,
por lhe não ter merecida

a morte, nem nenhum mal:
sentia pena mortal
por ter feito tal partida.

E vendo que se lhe dava
a ele toda esta culpa,
e que tanto o apertava,
disse aaquelle que bradava:
minha tençam me desculpa.
Se o vós quereis fazer,
fazei-o sem m'o dizer;
qu'eu n'isso nam mando nada,
nem vejo a essa coytada
porque deva de morrer.

Fim

Dous cavaleyros irosos
que taes palavras ouviram,
mui crús e nam piadosos
perversos, desamorosos
contra mim rijo se viram.
Com as espadas na mam,
m'atravessam o coraçam
a confissam me tolheram:
este é o gualardam
que meus amores me deram.

Garcia de Resende, ás Damas:

Senhoras, nam ajaes medo,
nam receeis fazer bem,
tende o coraçam muy bem quedo;
e vossas mercês veram cedo
quam grandes bens do bem vem.
Nam torvem vosso sentido

as cousas qu'aveys ouvido,
porqu'é ley de deos d'Amor,
bem, vertude, nem primor
nunca jámais ser perdido.
Por verdes o gualardam
que do amor reccbeu,
porque por ele morreu
n'estas trovas saberam
o que guanhou ou perdeu.
Nam perdeu senam a vida,
que podera ser perdida
sem na ninguem conhecer,
e guanhou por bem querer
ser sua morte tam sentida.

Guanhou mais, que sendo d'antes
nom mais que fermosa dama,
serem seus filhos ifantes,
seus amores abastantes
de deixaram tanta fama.
Outra moor honra direi:
como o princepe foi rey,
sem tardar, mas muy asinha,
a fez alçar por rainha,
sendo morta, o fez por lei.

Os principaes reis d'Espanha
de Portugal e Castela,
e emperador d'Alemanha,
olhac, que honra tamanha!
que todos deçendem d'ela.
Rey de Napoles, tambem
duque de Borgonha, a quem
todo França medo avia,
e em campo el-rei vencia,
todos estes d'ela vem.

Por verdes como vingou
a morte que lh'ordenaram,
como foy rei, trabalhou
e fez tanto, que tomou
aqueles que a mataram.
A um fez espedaçar
e ho outro fez tirar
por detras o coraçam;
poys amor dá gualardam
nam deixe ninguem d'amar.

Cabo

Em todos seus testamentos
a decrarou por molher,
e por s'isto melhor crêr
fez dois ricos moymentos,
em que ambos vereys jazer:
Rey, rainha coroados,
muy juntos, nam apartados,
no cruzeiro d'Alcubaça:
quem poder fazer bem, faça
pois por bem se dam taes grados.

Garcia de Rezende, *Canc. geral*, t. III. 616 a 624.

ARRENEGUOS, QUE FEZ GREGORIO AFFONSO, CRIADO DO BISPO DE EVORA

138

Arreneguo de ti, Mafoma,
e de quantos crem em ti,
arreneguo de quem toma
o alheyo para sy.
Reneguo de quantos vi
de quem foram esquecidos,
arreneguo dos perdidos

por causas nam muy honestas;
reneguo tambem das festas
que trazem pouco proveito.
Arreneguo do dereito
que se vende por dinheiro.
Arreneguo de palreyro
e de quem em elle crê
arreneguo da mercê
mais pedida huma vez.....
. . . . . .

Canc. geral, t. II, p. 534.

ARRENEGOS DO BARQUEIRO DO INFERNO
NOVAMENTE TROVADOS, POR GIL VICENTE, DE LISBOA

139 Pois o rio vae tão mal,
E a Barca tão vasia,
Começo de arrenegar
Primeiro, de minha tia.
Arrenego da phantasia
De quem mais que a mim amou;
Arrenego eu do grou
Que voando foi ao céo.
Arrenego de quem morreu
de medo de uma sardinha.
Arrenego da mesinha
que faz inchar o doente;
Arrenego da semente
que não nasce em dois annos.
Arrenego dos humanos
que têm miolo de pato.
Arrenego do barato
que me leva quanto tenho.
Arrenego eu do lenho
que se faz verde no fogo.

Arrenego eu do jogo
Onde vou escalavrado.
Arrenego eu do Prelado
que se préza de taful.
Arrenego do azul
que está no meio do olho.
Arrenego do piolho
que mais que seu dono val.
Arrenego do relogio
que nam sabe que horas são.
Arrenego do caravelão
que sempre está em secco.
Arrenego do dinheiro
que ganho n'esta viagem.
Arrenego da barcagem
e do malvado barqueiro,
e a Lucifer requeiro
que por este arrenegar
me queira logo entregar
a priminencia do Inferno.

Folha volante de 1649. (Falta no *Auto da Barca do Inf.*)

EXCLAMAÇÕES EM ECCO

Oh o mais triste onde vou?
Onde vou triste de mi?
O' dores, matae-me aqui
Onde nunca homem chegou.
Ecco: *Hou!*

Hou males, quem me vos deu
Deu-vos pera me acabar.
Oh, quem soffreu por amar
Tamanho mal como o meu?
Ecco: *Eu.*

*

Eu em me matar não pecco;
Nem sei se alguem me responde.
Que será, ou quem ou d'onde
Que ande em vale tão seco?

Ecco: *Ecco.*

E' conveniente quando
A tal tristeza combate
Que homem per si se mate
Por não andar mais penando.

Ecco: *Ando.*

Ando qual nunca fiz tal.
Oh vós, pois me respondes,
E de mi assi te escondes,
Que farei a tanto mal?

Ecco: *Al.*

Al não quero, al não sei.
O' voz de meu triste grito,
Pois que sabes meu esprito
Has medo que morrerei?

Ecco: *Hei.*

Hei por bem morrer por ella;
Porem damno tão profundo
Qual mulher o fez no mundo,
Servindo-a sem offendel-a?

Ecco: *Ella.*

Ella me dá triste guerra,
Ella me tem despedido,
Ella me tem convertido
Que moura por esta serra.

Ecco: *Erra.* etc.

Gil Vicente, *Obras*, II, p. 58.

CANTAR Á MANEIRA DE SOLÁO

141 Pençando-vos estou, filha,
Vossa mãe me está lembrando;
Enchem-se-me os olhos de agua,
N'ella vos estou lavando.
Nascetes, filha, entre magoa,
Pera bem inda vos seja,
Pois em vosso nascimento
Fortuna vos teve inveja.
Morto era o contentamento
Nenhuma alegria ouvistes,
Vossa mãe era finada,
Nos outros eramos tristes.
Nada em dor, em dor criada,
Não sei onde isto hade ir ter,
Vejo-vos filha fermosa
Com olhos verdes crescer.
Não era esta graça vossa
Pera nascer em desterro;
Mal haja a desaventura
Que poz mais n'isto que o erro.
Tinha aqui sua sepultura,
Vossa mãe, e magoa a nós;
Não ereis vós filha, não,
Para morrerem por vós.
Não houve em fados rasão,
Nem se consentem rogar;
De vosso pae hei mór dor,
Que de si se hade queixar.
Eu vos ouvi a vós só,
Primeiro que outrem ninguem;
Não foreis vós, se eu não fôra,
Não sei se fiz mal, se bem.
Mas não pode ser, senhora,

Pera mal nenhum nascerdes,
Com esse riso gracioso,
Que tendes sob olhos verdes.
Conforto mais duvidoso
Me é este que tomo assi,
Deos vos dê melhor ventura
Do que tiveste té aqui.
A dita e a formosura,
Dizem patranhas antigas
Que pelejaram um dia
Sendo d'antes muito amigas.
Muitos hão que é phantesia;
Eu que vi tempos e annos,
Nenhuma cousa duvido
Como ella é aso de danos.
Nenhum mal não é crido;
O bem só é esperado;
E na crença e na esperança
Em ambas ha hi cuidado,
Em ambas ha hi mudança.

Bernardim Ribeiro, *Menina e Moça*, cap. XXI.

GLOSA DE: *PENSANDO-VOS ESTOU FILHA*

POR BERNALDIM RIBEIRO

142 A morte mais me matou
Por me deixar com a vida
E levar a quem errou
Esta filha que deixou
De minha alma tão querida.
Como o mar cerqua à ilha
Cuidados me estão cercando;
Sam vivo por maravilha,
Pensando-vos estou filha,
Vossa mãe me está lembrando.

Lembra-me a gloria passada,
Padeço o mal presente,
E sinto pena dobrada,
Muito penada e cansada
Como o que minha alma sente.
Meu cuidado é uma fragua
Em que me estou queimando,
E de vós e de my magoa
Enchem-se-me os olhos d'agua
N'ella vos estou banhando.

O desejo bem contente
Tinha eu poucos dias ha,
Porem na vida presente
A fortuna sempre mente,
Bens promette, males dá.
A passada gloria pago,
Com pena e dor sobeja,
Meus olhos são fontes d'agua,
Nascestes, filha, antre mágoa,
Pera bem inda vos seja.

Lembra-me que a minha amada
Me estava dizendo um dia
Que se sentia pejada
E das dores já toquada,
Dores que eu não sentia.
Antes o meu pensamento
Teve gloria tão sobeja,
Foi tanto o contentamento,
Que no vosso naçimento
Vos houve fortuna enveja.

A ventura que guiava
Quantos males ordenou,
Com taes dores a fincava,

Que a morte se achegava,
Chegava e emfim chegou.
E levou-m'a n'um momento
Em que vós, filha, sorgistes,
Triste tinha o pensamento,
Morto era o contentamento,
Nenhuma alegria ouvistes.

De esposo muito amado
Fiquei viuvo e só,
De tristeza acompanhado,
Meu prazer já sepultado,
Alegria feita em pó.
Filha minha muito amada,
Se alegria não ouvistes,
Foi porque sendo vós nada,
Era vossa mãe finada,
Nós ambos fiquamos tristes.

Eu fico e vos ficastes
E ambos bem descontentes,
Se em nascendo chorastes,
Tão bem chorando me achastes
Males por vir e presentes.
Veja-vos melhor fadada
Do que fostes no nasser,
Pois fostes mal festejada
Nada em dor, em dor criada,
Não sei isto onde hade ir ter.

Nacerdes em confusão
De grão desterro e morte
Dá pena a meu coração,
As planetas saberão
Vossa ventura e sorte.
Se houver de ser ditosa

Quem tiver bom parecer,
Vejo-vos mui graciosa,
Filha minha mui fermosa,
Com olhos verdes crescer.

Ainda humanos tem por ver
Em logar desabitado
Taes olhos, tal parecer,
Como vos Deos quiz fazer,
Sobre-rosto alumiado.
Não ha y quem saber possa
Se causou desdita, se erro
Nascerdes na serra d'Ossa,
Não era essa graça vossa
Pera nascer em desterro

Se em Amor rasão houvera
Vossa mãe me não deixara,
Porque ella não fenecera,
E eu, triste, ledo vivera,
Mais prazer me visitara.
Ella he na sepultura,
E vós em este desterro
Habitado de tristura;
Mal haja a desaventura
Que mais poz n'isto que o erro.

Foram mui mal celebradas,
Filha, essas vossas festas,
E em logar de festejadas
Foram de mi lamentadas
Em campinas de giestas.
Pelo qual nunca tristura
Deixarei nem deixeis vós,
Porque nossa desventura

Tinha aqui sua sepultura
Vossa mãe e magoa a nós.

Quando cuido no passado
Sam mais triste do que sam,
Bem posso dizer: coitado
Que eu só fui o mal logrado,
Magoado sem rasão.
Foi cruel de openião
Morte que nos deixou sós,
Carecida da rasão;
Não ereis vós, filha, não
Pera morrerem por vós.

Não era tal gentileza
Nem tal graça e fremosura
Qual pintou a natureza
Pera causar mais tristura,
Ao triste sem ventura;
E este mal foi maldição
Tivera de se executar,
Em mim só, e outrem não,
Mas termos que os fados dão
Não se podem escusar.

Os males se repartiram
Por vossa mãe, vós e mim,
A ella já consummiram,
E a vós tambem feriram,
Mas todos são meus emfim.
Dóe-me muito vêr-vos só
E vossa mãe o estar
No sepulchro feita pó,
De vosso pae ey mór dó,
Que de si se hade aqueixar.

Se eu nunca lealmente amara
Não chegara a ser querido,
E se vos eu não plantara,
Vossa mãe se não finara
Nem eu ficara sentido.
Vós me achastes tal qual Job,
Bem carecido do bem,
Sem haver quem m'haver dó,
Eu vos houve a vós só,
Primeiro que outro ninguem.

Ouvi mil lamentações
Que eu a my pera mi dava
E d'outras mil afflições,
Paixões sam comparações
E as mais porque ficava.
Esta vida matadora
Não sei porque me detem,
Que se não fôra tredora
Não foreis vós se eu não fora,
Não sei se foi mal se bem.

Deos, que vos fez extremada
Quiz-vos bem muito em extremo,
Se fordes tambem fadada
Sereis bem aventurada,
Mas arreçeo o que temo.
Oh filha, quam bem vos fôra,
Pera segura viverdes
E da fortuua bem fôra,
Mas não pode ser senhora
Para mal nenhum nascerdes.

Lembranças, tristes logares
Em cuidar trago occupados,
Não cuidados par nem pares,

Mas contos de mil milhares,
E todos em vossos fados.
Porem como este erro nosso
Não pode deixar de serdes,
Tal que me façaes ditoso
Com esse rosto gracioso
Que tendes sobrolhos verdes.

Perfeita vos fez natura
Em quanto teve poder,
Sem terdes corpo e figura
Vos dotou de fremosura
Por se alegrar e vos vêr.
Pelo qual eu o cuidoso
M'alegro a furto de my,
E me acho victorioso;
Conforto mais duvidoso
Não he isto que temo assy.

A causa que me dá a vida
Só a de que mais me aqueixo,
E' ficardes sem guarida
Ainda rasão nascida
Pelo qual penar me deixo.
Mas se este mal muito dura
Aturay-o vós sem my,
Que vos conheça tristura,
Deos vos dê milhor ventura
Da que tiveste té aqui.

De longe vindes fadada
Para serdes combatida,
Pois que sois tambem sagrada
Como é recopilada
Da morte a humana vida.
Uns dizem que a ventura

Tem continuada alegria,
Outros com a prefecia
Que a dita da formosura
Disse em pratica antigua.

E declara a figura
Em que esta figura vae,
Feita por mão da ventura
Que esta dita e formosura
São ambas filhas de um pae.
Mas como o peccado cria
Presumpções por dar fadigas,
A estas tanto crescia,
Que pelejaram um dia,
Sendo d'antes mui amigas.

Eu tambem, creio que erraram
Os que d'isso tem aviso,
Que a vida vos tentearam
Florída mais vos acharam,
E formosa que narciso.
E muitos tem em porfia
Aggravos com que traz danos,
Creo como profecia,
Outros hão que he phantesia,
Eu que vi tempos e annos.

Crerey quanto mal ouvir,
Porque o tenho e padeço,
Se algum me fica por vir
Não lhe ey nem posso fugir
Posto que o não mereço.
Creo que o tempo é comprido
Ordenam por mais meus danos
Ter minha fé acedido

Nenhuma cousa dovído,
Como he azo d'enganos.

Não dovído que a morte
Por m'a fazer desejar,
Uma dor muito mais forte
Me dá vida d'esta sorte
Por mais vezes me matar.
Já se quer fôra ouvido
D'alguem fôra consolado
Em mal tão mal merecido,
Mas hu mal que não é crido
Só o bem é esperado.

O qual eu já desespero
Em quanto mais esperar,
N'esta vida que não quero
Pois he mais cruel que Nero,
Mais tormentos me hade dar.
Nem quero ter confiança
Pois está feita cajado,
E na vida e na esperança
Em ambas ha y mudança,
Em ambas ha y cuidado.

Ap. *Canc. ms.* de Luiz Franco. (Inedita).

ECLOGA: INTERTOCULORES SYLVESTRE E MONTANO *(INEDITA)*

143

Sylvestre: Dize, Montano amigo,
como andas qua apartado
em este despavoado

assim só mesmo comtigo,
sem ti e sem o teu gado?
Vejo-te a cor mudada,
sem o teu saio de festa,
a pessoa mal tratada,
grão paixão deve ser esta
que tens esta madrugada!

Folgavas quando me vias,
não me queres ver agora,
mudou-se o tempo e ora
contra ti que não soías
ser tão triste que de fóra.
Fizeste grande mudança
cada vez para pior,
trazes a vida em balança
guar-te, Montano pastor,
porque o mal prestes s'alcança.

Peza-me de assi te vêr
quanto me pode pezar,
com sentir e com chorar
se te podesse valer
poder-me-hias descansar.
Mas, eu coitado de mi,
cada vez que te mais vejo,
vida eu não a desejo,
pois a morte vejo em ti
com tal tormento sobejo.

Lembra-me a ora do anno
andando eu pela serra,
ouvi dizer d'esta guerra
tua, se tu es Montano
natural da minha terra.

Como tal cousa ouvi
logo m'este mal doeu,
por tua causa o senti,
tanto que me parecеu
que fóra fôra de mi.

Se este teu nojo d'amores
em grão trabalho e perigo
te vejo mais meu amigo
guar-te das cousas piores,
que estas sã, se mal não digo:
que amores não guardam lei
nem rasão querem por si;
já contr'elles pelejei,
hum tempo venceram a mi,
outro d'elles me guardei.

Pelo qual d'este engano
tu não sejas enganado,
que se te dás ao cuidado
tu não vez a fim do anno
pera ser desenganado.
Mas porem este desterro
que tu qua trazes comtigo
de ti saber o espero
como de pastor amigo
a quem certo muito quero.

Montano: Sylvestre, tu saberás
que este meu apartamento
não se fez sem fundamento.
que em grão paixão me traz
assim ás voltas co vento.
E nestes tempos d'agora,
la por esse povoado
não se vive só hua hora

pera menos enganado
ando assy por qua de fóra.

Porem sabes o que digo
para que milhor m'entendas,
fogi as grandes contendas
como ogano fez Rodrigo,
porque a elle menos reprendas.
Porque este mundo he tal
que he milhor qua nos desertos
soffrer e calar o mal,
que descobrir os secretos
d'este nosso temporal.

Sylvestre: Quem sabe do mal fugir
muito faz em se apartar,
que o cuidado do cuidar
faz mil vezes cair,
e tambem desesperar.
E a vista sempre a tem,
mas isto não é d'agora
se ha y mal e sair bem,
se tudo junto não fôra
não fôras tu nem ninguem.

Montano: Bem sei isso, meu amigo,
andando só n'esta terra;
mas não deixa de ir commigo
bom cuidado do perigo
em que vejo toda a terra.
Os tempos vão de mudanças,
de razão mui differentes,
os seguros d'accidentes
nas maiores esperanças
se acham menos contentes.

Pelo que vês levantadas
gentes contra mesmas gentes,
com vontades condemnadas,
sem respeito de innocentes,
e com as almas danadas.
Tal não posso comprehender,
nem sei que diga ao fado
que possa tanto o peccado,
que o justo venha a morrer
por culpas do condemnado.

Quando n'isto cuido eu
e em tão grão deferença,
quero me tornar sandeu
porque faz a mór sentença
que entre tudo se nos deu.
E por tanto dou estes brados,
ouça-me quem tem sentidos,
assy vão tempos perdidos
e os máos são levantados,
e os bons são destroidos.

Não te parece, pastor,
que me dá isso paixão
nem outro nenhum rancor;
mas de ver eu a razão
cada vez mal e peor.

Sylvestre: Assy é certo, Montano,
bem dizes Deos nos proveja,
que n'este mundo d'inveja
ha n'elle tanto engano
que não sei quem ledo seja.

Montano: Ainda mais te direi,
Silvestre, pastor amigo

encobrir nada te sei,
não ha amigo de amigo,
nem nenhum vive por lei.
Se andas pela cidade
tudo acharás mintira,
o bom viver já sospira
porque as cousas da vontade
fazem-se todas com ira.

Tempo é de opiniões,
de pastores não discretos;
vão mui grandes confusões
se buscaes paraisos certos
cada passo ha y ladrões.

E o pobre zagalejo
não tem onde se acolher,
quando se quer defender,
o que tem mais de sobejo,
não no consentem viver.
Se alguma justiça brada
que lhe roubam seu rebanho,
ou lh'o levam da manada,
porque seja mór o dano
ninguem lhe responde nada.

E se por aventura alguem
lhe responde é de través,
que estes sátrapas maiores
que governam grandes prados
usam tanto dos cajados
que lobos são, não pastores
por nossos grandes peccados.

E porem Deos onde está
tambem dá suas pancadas,

a quem não vive bem qua,
assy as longas jornadas
como viste que fez ja.
Pois mais claro hasde ver
que se não erro o que digo,
perto vejo o teu testigo
de se mais cedo perder
seu curral e seu abrigo.

E a vingança divinal
tarde ou perto apparece,
e a quem faz mal faz ho mal
que ponto a nenhum esquece,
por ser a todos igual.

Eu vi já o outro dia
mui claro dizer a Braz
como se homem perdia
oulhando pera detraz,
assim fallando dezia:
Eu deixo vir o grão Cão
por cima d'este montado,
como perro mui danado
com danado coração
nos roubar o nosso gado.

Assi fez já o verão
lá pelos campos d'Ongria,
deu no cural de Joham
por huma negra porfia,
que teve André com Beltrão.
Por má guarda dos rafeiros
perde o pastor as manadas,
que andam tão derramadas
por cima d'esses outeiros
perdidas, desbaratadas,

Quando isto nos contava
o coutado assi chorando
muitas vezes sospirando
cansado de quando em quando
em seu bordão se encostava.
Muitas cousas disse ali
do porvir e do passado,
e despois de ir já cansado
bolveu seus olhos a mi
com um sobejo cuidado.

E disse assi: Montano,
pois és zagal entendido,
fuge, fuge a tanto dano,
antes d'elle ser ferido,
e te roube seu engano.
Por isso que me apartei
como tu, Silvestre vês,
não o fiz, em que me pez,
mas parece que acertei
nos passos que dei e'os pés.
Que fugi aduladores,
em fugir a dilações,
estes montes são milhores
que as praças das confusões
nas quaes os erros são móres.

Andem pelos povoados
os que em muito tem a vida,
porque he cousa sabida,
que os que tem grandes estados
dão comsigo mór caída.
Sabes como anda tudo
sem concerto e sem direito;
a Deos não se tem respeito,

quem presuma mais d'agudo
não quer ter nenhum sogeito.

O que vive mais atado
n'esta vida emprestada
este tem maior soldada,
mas quando for condenado
e lá será *condenado*.
Que o que he virtuoso
não no deixam descansar
nem com vida, nem repouso;
se me deixasse fallar,
mas fallar, pastor, não ouso.

Porque heide dizer verdade,
livremente e sem engano,
traz comsigo tanto dano;
e pede tanto a maldade
que faz mal o desengano.

Quem fala pontos dividos
os que Deos quiz e mandou,
o tal logo brasfemou
mas reprender os perdidos
a muitos santos matou;
donde os nossos pregoeiros
não curam já de dar brados
senão como lisongeiros,
dissimulam os pequados
que vão por esses outeiros.

Esta gente infernal
que regra nem ordem tem,
o mal lhe parece bem
porque não sentem nem vêm.
Assim vivem sem vergonha

vestidos de mansidão;
mas dentro do coração
anda escondida a pessonha
que poz mésinha no são.

Mas não sei já o que diga,
todo o mal é da panella,
selada e se dão nella
n'ella só é a fadiga.
Tudo é contra os pequenos
eu do demo arrenego,
a justiça não a vêmos
senão no manco no cego,
asi que tudo perdemos.

Quero-me calar amigo,
porque não dizer o que sento,
de teus danos e perigo
Silvestre, tenho tormento,
e desenganos commigo.
Por nossos grandes pequados
quer Deos que taes nos vejamos
que já vês em nossos amos,
como andam acossados
porque o tambem andamos.
Mal no vale, mal na serra,
em toda a parte vae mal;
dá grandes brados a terra,
falta-nos o temporal
mas não com festa nem guerra.

Isto fazem embolvedores
e muitos pequados feos,
e os senhores alheos
que vês roubar roubadores
sem justiça e sem bons meos.

Pelo qual já vez que digo
as minhas redes colhendo,
sobretudo sem castigo
como tuberas vivendo.
O' meu Sylvestre e meu amigo,
que já viste do passado
como Deos nos castigou,
na cabeça nos tocou
leixando o corpo aleijado
mais do que nunca ficou.

Hora canso de falar
não te quero mais dizer,
porque dizem que o calar
vem do mui grande saber,
não ha quem possa acabar.

Sá de Miranda. (Ap. *Canc.* Ms. de Luiz Franco, fl. 95 a 97 &.

CARTAS DE MANOEL MACHADO DE AZEVEDO A FRANCISCO DE SÁ E MIRANDA

144

I Respondendo á vossa, digo,
Amigo, senhor e hirmão,
Que entre tanta confusão
Não ha carta sem perigo.

II Em que côrra aveso tudo,
Tudo correrá direito,
Se lhe sabe andar a geito
O prudente e o sesudo.

III Quando dem couce os planetas,
Tem mais altos poderios
Aquelle que o mar e os rios
Enfrêa e pica os poetas.

IV Fez o homem differente
De qualquer outro animal,
Se elle do bem usa mal
E do mal bem, elle o sente.

V Deu-lhe livre a eleição
Que outro chamam escolhimento,
Poz na mão do homem tento,
Do seu ganho ou perdição.

VI Vós quereis com descripções,
E com vossas letras grandes
Que em Italia, Espanha e Frandes
Vos reconheçam as nações.

VII Eu quizera que os salloyos
Vos estimassem sómente;
Porque da nossa semente
Sempre colhereis mais moios.

VIII Hade enfrear sua penna
Como um pôtro desatado
Quem quizer ser mais medrado
Que Camões ou João de Mena.

IX Não queiraes emendar tudo
No mundo o seu desconcerto,
De cujos erros é certo
Ouvir, calar ou ser mudo.

X Só a penna e lingua são
As que causam mayor pena;
Que só Deos julga e condemna
As culpas do coração.

XI Só da lingua ou do tinteiro
As palabras saem á praça,
Já por graça ou por desgraça
Não lhes falta pregoeiro.

XII Poem-se em muy grande perigo
Quem descobre todo o peito,
Por hu bom dito ou conceito,
Não perdaes nenhum amigo.

XIII Os Carvalhos e os Carneiros
Da Beyra, entre Douro e Minho,
São muy bons qua no seu ninho,
Aos fidalgos e escudeiros.

XIV A quem d'elles se aproveita
São de proveito e sustento,
Mas lá, com seu valimento,
Só vive quem os respeita.

XV Vosso parente e amigo
Joane de Sa—ber tanto
Descantar tanto em seu canto,
Que deu n'um canto comsigo.

XVI Descoseu linhas a tantos?
Se bem mais canonisou,
Mas hu d'esses se vingou
Sem lhe valer estes Santos.

XVII Se se diz bem dos ingratos,
Cuidam que tudo lhes devem,
Se a poderosos se atrevem
Dão unhadas como gatos.

XVIII Assim sou de parecer,
Que nem bem nem mal digamos,
N'esta era em que estamos
Para poder bem viver.

XIX A verdade e bom conselho
São hoje grande dilito,
Mame na ovelha o cabrito,
E na raposa o coelho.

XX O grande afeito me ordena
Que aconselhe a um letrado,
Perdoae-me; que um Machado
Não apára bem a penna.

Manoel Machado de Azevedo;
ap. *Vida*, p. 16 a 19.

---

145 OUTRA DO MESMO

I Dizem-me que estás doente,
Pesa-me, porque não posso
Ir ver-vos de presente,
Porque tive um accidente
De amor, não; mas de humor grosso.

II Este medico Sandeu
Quer que seja humor da côrte,
Cada um conhece o seu,
Eu conheço o mal que é meu,
Que o d'ella sempre é mais forte.

III De medicos nem sangrias
N'esta edade não curemos;
Bomas são as Romarias
De mais longe, e sem Marias
Porque não nos mareêmos.

IV Os Santos de longas terras
Sempre foram mais buscados,
Os da nossa estão cansados;
Busquemos santos das serras,
Que estão mais desoccupados.

V Sigamos nossa nação
A quem todo o seu parece
De menos estimação;
Elle faz mais devoção
O que menos se conhece.

Manoel Machado de Azevedo,
ap. *Vida*, p. 86 a 88.

VIGILIA DE S. ANTONIO, LIVRANDO O PAE DA FORCA

146 (VERSÃO INSULANA)

I

PRESO: Santo Antonio da gloria,
Nascido da flor da palma,
Remedio da nova lei,
Eu preso aqui estarei,
E perante el-rei irei!
Morte tão sentenciada,
Que por mim foste provada;
Eu tenho mulher e filhos,

Ficam orfinhos perdidos:
Eu te peço, anjo bemdito,
Que do céo vens mandado,
Eu te torno a pedir
Que vás para o céo sagrado.

ANJO: Avia-te, santo Antonio,
Avia-te, brevemente,
Vae livrar teu pae da fôrca,
Que está preso innocente.
Em o pino do meio dia
Elle sae logo a matar,
Tirado do Limoeiro
Para ir a enforcar.

II

Santo Antonio ajoelhou,
Ave-Maria pediu
E em quanto a resou
Duas mil legoas andou.
Chegou á dita cidade
E a justiça encontrou:

PREGÃO: Velho preso, mal levado,
Matastes por vossa mão
Um menino innocente
Sem mais causa nem razão.

S. ANTONIO: Eu te requeiro Justiça
Que adiante não vás mais;
Esse homem que levais,
Não matou quem vós cuidais.
Se cuidais que falo trumfo
Não vos falo confrangido,
P'la bocca do homem morto

Eu farei falar o vivo.
Moço morto, fala, fala,
Dize-me aqui commigo,
Se este homem te matou
Ou se quer por ti passou.

JUSTIÇA: Este homem sae a penar
Por um homem que matou;
No seu quintal o enterrou,
Testemunha o jurou,
E elle lá se achou
Vestidinho e calçado
Como no mundo andou.

III

S. ANTONIO: Eu te peço, homem morto,
Pelo Deos, que te criou,
Que te levantes do chão
E digas quem te matou.

MORTO: Esse homem não me matou
Nem a morte me causou;
Antes me aconselhou
Como o pae que me criou!

JUSTIÇA: Solto, solto o padecente
Vá governar sua vida.

PRESO: Oh meu padre reverendo
Dizei-me aonde moraes?
Quero-vos ir visitar,
Já que não sirvo p'ra mais.

S. ANTONIO: N'este estado em que me vêdes,
Sou vosso filho Fernando,

Mas tomei o nome Antonio,
P'ra me livrar do demonio.

PRESO: Filho meu muito amado,
De mim tam escandalisado!
Cadeiras tenhas no céo,
Para estares assentado.

S. ANTONIO: Meu pae, botae-me a benção,
Que eu quero ir a Padua
Acabar o meu sermão,
Que se eu o não acabar,
Ai, que de mim não dirão?

PAE: Eu te abençôo, filho,
Que sejas abençoado;
Confessor das criaturas
Que vás para o céo sagrado.

AUTO HIERATICO OU DE DEVAÇÃO:

147 SCENA DA BILHA DE AZEITE

PAYO VAZ: Pois Deos quer que pague e peite
Tão daninha pegureira,
Em pago d'esta canseira
Toma este pote de azeite
E vae-o vender á feira;
E quiçaes, medrarás tu,
O que eu comtigo não posso.

MOF. MENDES: Vou-me á feira de Trancoso
Logo; nome de Jesu,
E farei dinheiro grosso.
Do que este azeite render

Comprarei ovos de pata,
Que he a cousa mais barata,
Que eu de lá posso trazer.
E estes ovos chocarão;
Cada ovo dará um pato,
E cada pato um tostão,
Que passará de um milhão
E meio, a vender barato.
Casarei rica e honrada,
Por este ovo de pata,
E o dia que for casada
Sahirei ataviada
Com um brial de escarlata;
E diante o desposado
Que me estará namorando,
Virei de dentro bailando
Assi d'esta arte bailado,
Esta cantiga cantando.

Estas cousas diz Mofina Mendes com o pote de azeite á cabeça, e andando enlevada no bailo, cae-lhe, e diz:

PAYO VAZ: Agora posso eu dizer
E jurar e apostar,
Qu'es Mofina Mendes toda.

PESSIVAL: E se ella baila na voda
Qu'está ainda por sonhar,
E os patos por nascer,
E o azeite por vender,
E o noivo por achar,
E a Mofina a bailar;
Que menos podia ser?

Vae-se Mofina Mendes cantando:

MOFINA: Por mais que a dita me engeite,
Pastores, não me deis guerra;

Que todo o humano deleite
Como o meu pote de azeite
Hade dar comsigo na terra.

Gil Vicente, *Obras*, t. I, p. 115.

AUTO DOS PASSOS DA PAIXÃO

1547.

TROVAS QUE FEZ HO AUTOR PARA HUNS PASSOS DA PAIXÃO, QUE ORDENOU DE FAZER PREGANDO A MESMA PAIXÃO

Vae a VIRGEM *nossa Senhora praticando, caminho do Monte Calvario, e diz:*

148 *Fili mi, Jesu, Jesu*
O mi Jesu, fili mi.
Quem me matasse por ti,
Porque não morresses tu.

Oh vós omnes qui transitis
Pola via da amargura,
Chorae a desaventura
D'esta triste Sunamitis,
Senti sua gram tristura.
Oh gentes, chorae meu mal,
Vede bem sua grandeza,
O cutelo de crueza
Que córta com dôr mortal
Minha alma com tal tristeza.

Oh judaica crueldade,
Onde me levas meu bem.
Oh cruel Hierusalem
Matador sem piedade

Dos Prophetas que a ti vêm.
Que te fez o meu cordeiro
Filho do meu coração,
Porque tanto sem rezão
Condemnaste ao madeiro
Toda sua salvação.

Oh donas, pois que paristes
Filhos que tanto amais,
Porque tal dor não vejaes,
Se vós de filho sentistes
Senti dores tão mortaes.
O que me levam a matar
Todo meu bem e conforto
E o mayor desconforto
E' que hei medo de ficar
Viva, depois d'elle morto.

Como poderei viver,
Sem ti que será de mim,
Oh triste, quam tarde vim,
E quam cedo heide ver
Tua fim e minha fim.
Oh filho tão desejado,
Em pureza concebido,
Em virgindade parido,
Em tal doçura criado,
Em mãos de algozes metido.

Oh meu bem que não te vejo
E não posso já comtigo
Tão francamente te sigo
Quam fortemente o desejo
Me leva a morrer comtigo.
Oh quem podesse chegar
Antes da fim um momento,

A ver teu padecimento,
Porque de ver-te matar
Me mate teu sentimento.

Mas este mortal desmaio
Tem cortado o coração
De tão forçosa paixão,
Que se quero andar caio,
Esmorecida no chão.
Oh donas, encaminhae,
Esta mais triste das tristes;
Se meus males cá ouvistes
Dizei-me por onde vae
O meu filho, se o vistes?

Chegando a Senhora ao pé do cadafalso onde estava o Senhor crucificado metido em hum esparavel, sae uma FIGURA *e mostra-lho abrindo o esparavel, dizendo:*

Oh mais fremosa e mais bella
Que quantas no mundo são,
De ver tua gram paixão
E tua mortal querella
Se me quebra o coração.
Pois que vens com tanta pena
Em busca do teu amado,
Sabe que é crucificado,
Que nos salva e nos condemna
Vel-o aqui condemnado.

Aqui se deixa a Senhora cahir no chão sem dizer nada, e depois já no cabo vem Nicodemus e Joseph ab Arimatia para sepultar ho corpo; e adorando o Senhor de giolhos, diz JOSEPH:

*

Oh filho de Deos eterno,
Verbo divino encarnado
Tam sem culpa condemnado,
Por nos salvar do inferno,
Tão sem culpa justiçado.
Pois não pode nossa sorte
Servir teu merecimento
Na vida nem no tormento,
Vimos servir-te na morte
Com mortalha e moimento.

E despegando o Senhor da Cruz poem-no em o regaço da SENHORA, *e ella diz esta trova:*

Oh cruel cutelo forte,
Oh crueza desmedida,
Oh mortal dor tam crecida,
Ver morto e ver a morte
A' vida de minha vida:
Oh morte, por que acrecentas
Mais mortes com teus espaços?
Filho meu, morto nos braços,
Oh, como não arrebentas
Coração em mil pedaços!

Já por derradeira pede SAM JOAM *licença á Senhora para enterrar o corpo, dizendo:*

Um triste desconsolado
Mal poderá consolar,
Senhora, teu grão pezar,
Porque sangue tão chegado
Não se roga em tal logar.
Ver meu Deos e meu Senhor
Soffrer cruezas tamanhas,

Ver tuas dores estranhas
Me dão tamanha dor
Que me rasgam as entranhas.

Mas pois foi assi vontade
Da divina providencia,
Tua virginal prudencia
N'esta dor sem piedade
Tenha alguma paciencia.
A' tua mortal tristura
Dá-lhe um pouco de vagar,
E consente sotterrar
O corpo na sepultura,
Pois se não pode escusar.

E tirando-lhe á SENHORA *o corpo dos braços, diz esta trova:*

Oh triste despedimento
Oh ausencia tão mortal,
O meu bem, o meu grão mal
Não abasta soffrimento
Para poder soffrer tal.
Deixae-me tambem morrer,
Então em um moimento
Ambos mortos de um tormento
Nos enterrae, por não ver
Tão mortal apartamento.

E então levam o corpo metido no ataude com: Miserere mei Deus, a fabordam, a enterral-o.

Fr. Antonio de Portalegre, *Meditação da Paixão em estylo metrificado.*

SECÇÃO 2.ª

ESCHOLA ITALIANA

I GENERO EPICO: *Litterario:* 149. Episodio dos Lusiadas.

II GENERO LYRICO: *Litterario:* 150–182. Sonetos — 183. Canção —184. Elegia—185. Epistola.

III GENERO DRAMATICO: *Litterario:* 186. Scena final da tragedia *Castro.*

149 Passada esta tão prospera victoria,
Tornando Affonso á lusitana terra
A se lograr da paz com tanta gloria,
Quanta soube ganhar na dura guerra,
O caso triste e digno de memoria
Que do sepulcro os homens desenterra
Aconteceu, da misera e mesquinha
Que, depois de ser morta foi rainha.

Tu só, tu, puro Amor, com força crua,
(Que os corações humanos tanto obriga)
Déste causa á molesta morte sua,
Como se fôra perfida inimiga.
Se dizem, fero Amor, que a sêde tua
Nem com lagrimas tristes se mitiga,
E' porque queres aspero, tyranno,
Tuas aras banhar em sangue humano.

Estavas, linda Inez, pósta em socego,
De teus annos colhendo o doce fruito,
N'aquelle engano d'alma ledo e cego
Que a fortuna não deixa durar muito;
Nos saudosos campos do Mondego
De teus formosos olhos nunca enxuito,
Aos montes ensinando e ás ervinhas
O nome que no peito escripto tinhas

Do teu principe alli te respondiam
As lembranças que n'alma lhe moravam,
Que sempre ante seus olhos te traziam
Quando dos teus formosos se apartavam;
De noute em doces sonhos que mentiam,
De dia em pensamentos que voavam,

E quanto emfim cuidava e quanto via
Eram tudo memorias de alegria.

De outras, bellas senhoras e princezas,
Os desejados thalamos enjeita;
Que tudo emfim tu, puro amor, desprezas,
Quando um gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas
O velho pae sisudo, que respeita
O murmurar do povo e a phantasia
Do filho, que casar-se não queria;

Tirar Inez ao mundo determina
Por lhe tirar o filho que tem preso,
Crendo co'o sangue só da morte indina
Matar do firme amor o fogo acceso.
Que furor consentiu que a espada fina
(Que poude sustentar o grave peso
Do furor mouro) fosse alevantada
Contra uma fraca dama delicada?

Traziam-a os horrificos algozes
Ante o rei já movido a piedade;
Mas o povo com falsas e ferozes
Razões á morte crua o persuade.
Ella com tristes e piedosas vozes,
Sahidas só da magoa e saudade
Do seu principe e filhos que deixava,
Que mais que a propria morte a magoava,

Para o céu crystalino alevantando
Com lagrymas os olhos piedosos,
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Um dos duros ministros rigosos;
E depois nos meninos attentando,
Que tão queridos tinha e tão mimosos,

Cuja orphandade, como mãe, temia
Para o avô cruel assim dizia:

Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento,
E nas aves agrestes, que sómente
Nas rapinas aérias tem o intento,
Com pequenas crianças viu a gente
Terem tão piedoso sentimento,
Como co'a mãe de Nino já mostraram,
E co'os irmãos que Roma edificaram;

O' tu que tens de humano o gesto e o peito,
(Se de humano é matar uma donzella
Fraca, sem força, só por ter sujeito
O coração a quem soube vencel-a)
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens á morte escura d'ella;
Mova-te a piedade sua e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha.

E se, vencendo a maura resistencia,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia
A quem para perdel-a não fez erro.
Mas se t'o assim merece esta innocencia,
Põe-me em perpetuo e misero desterro,
Na Scithia fria, ou lá na Libya ardente
Onde em lagrymas viva eternamente.

Põe-me onde se use toda a feridade,
Entre leões e tigres; e verei
Se n'elles achar posso a piedade
Que entre peitos humanos não achei:
Alli co'o amor intrinseco e vontade
N'aquelle por quem mouro, criarei

Estas reliquias suas que aqui viste,
Que refrigenio sejam da mãe triste.

Queria perdoar-lhe o rei benino
Movido das palavras que o magôam;
Mas o pertinaz povo, e seu destino,
Que d'esta sorte o quiz, lhe não perdôam.
Arrancam das espadas de aço fino
Os que por bom tal feito alli pregôam,
Contra uma dama, ó peitos carniceiros,
Feros vos amostraes e cavalleiros?

Qual contra a linda moça Polyxena
Consolação extrema da mãe velha,
Porque a sombra de Achilles a condemna,
Co'o ferro o duro Pyrro se aparelha:
Mas ella, os olhos com que o ár serena
Bem como paciente e mansa ovelha
Na misera mãe póstos, que endoudece,
Ao duro sacrificio se offerece;

Taes contra Inez os brutos matadores
No collo de alabastro, que sustinha
As obras com que o amor matou de amores
Aquelle que depois a fez rainha,
As espadas banhando e as brancas flores
Que ella dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam fervidos e irosos
No futuro castigo não cuidosos.

Bem poderas, ó sol, da vista d'estes
Teus raios apartar aquelle dia,
Como da séva mesa de Thyestes,
Quando os filhos por mão de Atreu comia!
Vós, ó concavos valles, que podestes
A vóz extrema ouvir da bocca fria,

O nome do seu Pedro que lhe ouvistes,
Por muito longo espaço repetistes!

Assi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi candida e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina que a trouxe na capella,
O cheiro tras perdido e a côr murchada,
Tal está morta a pallida donzella;
Seccas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva côr, co'a doce vida.

As filhas do Mondego a morte escura,
Longo tempo chorando, memoraram,
E por memoria eterna, em fonte pura
As lagrymas choradas transformaram;
O nome lhe puzeram, que 'inda dura,
Dos amores de Inez, que alli passaram;
Vêde que fresca fonte rega as flores
Que lagrymas são a agoa, e o nome amores

Camões, *Lusiadas*, Cant. III, st. 118 a 135.

---

150 Não sei qu'em vós mais vejo; não sei que
Mais ouço, e sinto; ao rir vosso e fallar;
Não sei que entendo mais, té no calar,
Nem quando vos não vejo a alma o que vê;
Que lhe apparece em qual parte que estê,
Olhe o céo, olhe a terra, ou olhe o mar;
E triste aquelle vosso suspirar,
Em que tanto mais vay, que direi que he?
Em verdade não sei: nem isto qu'anda
Antre nós: ou se é ar como parece,
Se fogo d'outra sorte e d'outra ley,

Em que ando, e de que vivo, nunca abranda;
Por ventura que á vista resplandece;
Ora o que eu sei tão mal, como o direy.

Sá de Miranda, *Obras*, p. 16 (Ed. 1804).

---

151 Este retrato vosso é só signal,
Ao longe, do que sois, por desemparo
D'estes olhos de cá, porque um tão claro
Lume, não pode ver vista mortal.
Quem tirou nunca o sol por natural,
Nem viu, (se nuvens não fazem reparo)?
Em noite escura, ao longe acceso um faro,
Agora se não vê, ora vê mal.
Para uns taes olhos, que ninguem espera
De face a face, gram remedio fôra
Acertar o pintôr vêr-vos dormindo.
Mas inda assim não sei que elle fizera,
Que a graça em vós não dorme nenhuma hora;
Fallando, que fará? que fará rindo?

Sá de Miranda, Son. XXVII. Ed. 1677.

---

152 Apetece minha alma a fonte viva
No estio de amor, em sésta ardente;
Sequiosa se lança á gram corrente
Da fermosura que de vós deriva.
Cuidando de amansar a sêde estiva
Quanto mais de amor bebe é mais vehemente;
Nunca se acabará este accidente
Que arde amor na minha alma em cousa viva.
Não resiste ao ardor, nem se consumme,
Porque ella é immortal, elle benino;
N'elle deleita a dor, dá gosto a pena.
Se imagina passar raio divino
Deseja a alma abrasar-se no seu lume,
Tal é do que em si esconde o bem que acena.

D. Manoel de Portugal, *Obras*, fl. 199.

153

Ainda que o metal luzente e duro
tocado do divino vosso objeito
como raio vos torne o brando peito
de que Amor a ninguem quiz dar seguro;
Ainda que o pincel claro e escuro
tal semblante vos tenha contrafeito
que ficaes obrigada a vêr por feito
tudo o que elle obrar n'um peito puro;
E inda que em culto verso desornado
imitando em si vá a formosura
de que nasce, e a que é sacrificado;
Nem lustroso verso, nem pintura
poderá alcançar ser quotejado
ó que n'alma imprimiu vossa figura.

D. Manoel de Portugal *(Canc. Ms.* de L. Franco, fl. 240.)

154

Um firme coração posto em ventura,
Um desejar honesto que s'engeite
De vossa condição, sem que respeite
A meu tão puro amor, a fé tão pura:
Um vêr-vos de piedade e de brandura
Imagem sempre, faz-me que suspeite
Que alguma brava féra vos deu leite,
Ou que nasceste de uma pedra dura.
Ando buscando causa que desculpe
Crueza tão extranha; porem quanto
N'isso trabalho mais, mais me maltrata.
D'onde vem que não ha quem nos não culpe,
A vós, porque mataes quem vos quer tanto,
A mim, que tanto quero a quem me mata.

Bernardes, Soneto XX, das *Rimas Varias.* (Ed. 1780.)

A UMA DAMA, QUE LIA POR O LIVRO DE FRANCISCO DE SÁ DE MIRANDA

155

Quem não louvará muito, em toda a hora
O Sá Miranda, nunca assás louvado,
D'engenho, estudo, estilo alto, apurado
E sobretudo tão ditoso agora?
Que é do puro alabastro, assim, senhora,
De vossas delicadas mãos tocado,
D'essa voz doce ora pronunciado,
No seio d'alva neve posto outr'ora?
Pyramides, sepulchros sumptuosos,
Edificios, que emfim, o tempo gasta,
Tanto sem fim não fazem sua memoria:
Quanto a luz d'esses olhos tão formosos,
Que graça e vida dar a tudo basta,
E a mim dão vida e morte, pena e gloria.

André Falcão de Resende, *Obras*, p. 87.

A SEU IRMÃO DIOGO BERNARDES

156

Do Lima, d'onde vim já despedido,
Cavar cá n'esta Serra a sepultura,
Não sinto que louvar possa brandura,
Sem me sentir turbar do meu sentido:
A lam, de que me vêm andar vestido
Torcendo em varias partes a costura,
Os pés, que nús se dão á pedra dura,
Não me deixam ouvir, nem ser ouvido.
O povo, cujo applauso recebeste
Vendo teu brando *Lima* dedicado
A princepe real, claro, excellente,
Louvará muito mais quanto escreveste;
De mim, meu caro irmão, menos louvado
Louva commigo a Deos eternamente.

Frei Agostinho da Cruz, Soneto XVI, Ed. 1731.

157 Aquelle claro sol, que me mostrava
O caminho do céo mais chão, mais certo,
E com seu novo raio, ao longe e ao perto
Toda a sombra mortal me affugentava;
Deixou a triste prisão em que cá estava,
Eu fiquei cego e só, co' passo incerto,
Perdido peregrino no deserto
A que faltou a guia que o levava.
Assi co' sprito triste, o juizo escuro,
Suas sanctas pisadas vou buscando,
Por valles e por campos e por montes.
Em toda a parte a vejo e a figuro.
Ella me toma a mão e vae guiando,
E meus olhos a seguem feitos fontes.

Dr. Antonio Ferreira, Son. V, liv. II.
Poemas lusitanos.

---

158 Despojo triste, corpo mal nascido,
Escura prisão minha, e peso grave,
Quando rôta a cadêa, e sôlta a chave,
Me verei de ti solto e bem remido?
Quando co' sprito prompto, aos céos erguido,
(Despois que esta alma em lagrimas bem lave)
Batendo as azas, como ligeira ave,
Irei aos céos buscar meu bem perdido?
Triste sombra mortal e van figura
Do que já fui, uns dias só sostida
D'aquelle sprito, por quem cá vivia;
Quem te detem n'esta prisão tão dura?
Não viste a clara luz, a santa guia
Que te lá chama á verdadeira vida?

Dr. Antonio Ferreira, Son. III, do liv. II. *Ib.*

NA ANTIGA LINGOA PORTUGUEZA

159 Vinha Amor pelo campo trebelhando
Com sa fremosa madre e sas donzellas;
El rindo, e cheo de ledice entre ellas,
Já de arco e de sas setas non curando.
Brioranja hi a sazom sia pensando
Na gram coita que ella ha, e vendo aquellas
Setas de Amor, filha em sa mão huã dellas,
E mete-a no arco, e vay-se andando.
Deshi volveu o rostro hu Amor sia,
Er, disse: Ay traidor, que me has fallido,
Eu prenderey de ti crua vendita.
Largou a mão, quedou Amor ferido,
E catando a sa sestra endoado grita:
Ay, mercê! — a Brioranja, que fugia.

Dr. Antonio Ferreira, Son. XXXV. Liv. II. *Ibid.*

---

160 Está o lascivo e doce passarinho
Com o biquinho as pennas ordenando,
O verso sem medida, alegre e brando
Despedindo do rustico raminho.
O cruel caçador, que do caminho
Se vem calado e manso desviando,
Com prompta vista a seta endireitando
Lhe dá no estygio lago eterno ninho.
D'esta arte o coração que livre andava
(Posto que já de longe destinado)
Onde menos temia, foi ferido.
Porque o frecheiro cego me esperava,
Para que me tomasse descuidado
Em vossos claros olhos escondido.

Camões, Son. 30. *(Parnaso).*

161 Um mover d'olhos, brando e piedoso,
Sem vêr de que; um riso brando e honesto,
Quasi forçado; um doce e humilde gesto,
De qualquer alegria duvidoso.
Um despejo quieto e vergonhoso;
Um repouso gravissimo e modesto;
Uma pura bondade, manifesto
Indicio da alma, limpo e gracioso.
Um encolhido ousar; huma brandura;
Um medo sem ter culpa; um ár sereno;
Um longo e obediente soffrimento:
Esta foi a celeste formosura
Da minha Circe, e o magico veneno
Que pode transformar meu pensamento.

Camões, Son. 30. *(Parnaso).*

---

162 Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo d'esta vida descontente,
Repousa lá no céo eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.
Se lá no assento ethereo, onde subiste
Memoria d'esta vida se consente,
Não te esqueças d'aquelle amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.
E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da magoa, sem remedio, de perder-te;
Roga a Deos, que teus annos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

Camões, Son. 13, *Ibid.*

---

163 No mundo poucos annos e cansados
Vivi, cheios de vil miseria e dura;
Foi-me tão cedo a luz do dia escura,
Que não vi cinco lustres acabados.
Corri terras e mares apartados
Buscando á vida algum remedio ou cura;
Mas aquillo que, emfim, não dá ventura,
Não o dão os trabalhos arriscados.
Criou-me Portugal na verde e cara
Patria minha Alemquer; mas ár corrupto
Que n'este meu terreno vaso tinha,
Me fez manjar de peixes em ti, bruto
Mar que bates a Abassia fera e brava,
Tão longe da ditosa patria minha.

Camões, Son. 103. *(Parnaso).*

---

164 Erros meus, má Fortuna, amor ardente
Em minha perdição se coujuraram;
Os erros e a Fortuna sobejaram;
Que para mi bastava Amor sómente.
Tudo passei; mas tenho tão presente
A grande dor das cousas que passaram,
Que já as frequencias suas me ensinaram
A desejos deixar de ser contente.
Errei todo o discurso de meus annos;
Dei causa a que a fortuna castigasse
As minhas mal fundadas esperanças.
De amor não vi senão breves enganos.
Oh quem tanto pudesse, que fartasse
Este meu duro Genio de vinganças.

Id., Son. 116.

---

165 Horas breves do meu contentamento,
Nunca me pareceu, quando vos tinha,
Que vos visse mudadas tão asinha,
Em tão compridos annos de tormento.
As altas torres que fundei no vento,
Levou, emfim, o vento que as sustinha;
Do mal que me ficou a culpa é minha,
Pois sobre cousas vans fiz fundamento.
Amor com brandas mostras apparece,
Tudo possivel faz, tudo assegura;
Mas logo no melhor desapparece.
Extranho mal, extranha desventura!
Por um pequeno bem que desfallece,
Um bem aventurar que sempre dura!

Camões, Son. 184 *(Parnaso.)*

SONETO COM ESTRAMBOTE

166 Tanto se foram, Nympha, costumando
Meus olhos a chorar tua dureza,
Que vão passando já por natureza
O que por accidente iam passando.
No que ao somno se deve estou velando,
E venho a velar só minha tristeza:
O choro não abranda esta aspereza,
E meus olhos estão sempre chorando.
Assi de dor em dor, de magoa em magoa,
Consummindo-se vão inutilmente,
E esta vida tambem vão consummindo.
Sobre o fogo do amor inutil agua!
Pois eu em chôro estou continuamente
E do que vou chorando te vás rindo;
Assi nova corrente
Levas do chôro cra fôro;
Porque de ver-te rir, de novo choro.

Camões, Son. 223. *Ibid.*

*

167 *Formoso Tejo meu, quão differente*
Te vejo e vi, me vês agora e viste;
Turvo te vejo a ti, tu a mim triste,
Claro te vi eu já, tu a mim contente.
A ti, foi-te trocando a grossa enchente
A quem teu largo campo não resiste;
A mim trocou-me a vista em que consiste
Meu viver *contente ou descontente.*
Já que sômos no mal participantes,
Sejamol-o no bem; ah quem me dera
Que fossemos em tudo semelhantes.
Lá virá então a fresca primavera,
Tu tornarás a ser quem eras d'antes,
Eu não sei se serei quem d'antes era.

Camões, Son. 349. (Parnaso).

---

168 DO FRADE DA RAINHA

Quem podera dizer o que tem n'alma
Para desenganar em tudo a vida;
Mas não vejo ninguem que trate d'alma
Que todas as esperanças põe na vida.
O céo é o verdadeiro logar d'alma,
A' terra basta dar-lhe o corpo e a vida;
Pois não podem ter fim os males d'alma
E como sombra passam os bens da vida.
E se queremos vêr o preço da alma,
Vejamos que poz Deos por ella a vida,
Viveremos nós n'elle e elle em nossa alma.
O mundo he uma sombra vã que enleva a vida,
Quem n'elle está melhor tem peor alma,
E quem o desprezou tem alma e vida. (1)

Frei Paulo da Cruz. (Ms. da Academia.)

(1) Bibl. da Academia. 3 E. 1-4.

169 Entre as nuvens se esconde o pensamento
Corrido de se vêr qual eu me vi,
E pela gloria antiga me perdi
Me deixa hoje na pena o sentimento.
Armei rêdes no ár, ao leve vento,
Na areia semeêi, n'agua escrevi,
Edifiquei na ideía o que não cri,
Que mal se deixa crêr contentamento.
Pensamento cruel, deixa-me em paz,
Que não querem meus olhos que te crêa;
A quem os não sonhar, teus bens publica.
Que eu bem sei, quem de ti mais conta faz,
No ár, na areia, n'agua, na ideia
Arma, semêa, escreve e edifica.

Anonymo. (Ms. da Academia.)

---

170 D'onde achastes, senhora, esse ouro fino
D'essas tranças que Amor se enleva em vel-as?
Em que praia essas perolas tão bellas
Que descobris no riso peregrino?
Em que sereno céo o sol divino
Que co'os raios defende a vista d'ellas?
D'onde os finos rubis, que por entre ellas
Com tantas graças vêmos de contino?
Em que monte, lá do Indo até ao Douro,
A neve d'esse gesto delicado?
Em que espinho essas rosas tão formosas?
Mas quiz natura em vós fazer thezouro,
E assi poz, dama, em vós recopilado
Ouro, neve, rubis, sol, perlas, ouro.

Anonymo. (Ms. da Academia.)

---

171 Esses olhos, senhora, onde descança
O menino que as flexas d'ouro atira,
Esse cabello d'onde o sol inspira
Mil raios em que a vista cega e cansa;
E essas faces que a pura semelhança
Das bellas rosas tem, antes lh'a tira,
Essa bocca, que graças mil respira,
E onde um bem está que não se alcança;
Essa testa, que o sêr tem de ser vossa,
E d'onde Amor ordena cada hora
Viva e morra o desejo; mas que presta...
Não ha quem tanto bem merecer possa,
Eu me contento só com vêr, senhora,
Olhos, cabellos, faces, bocca, testa.

Anonymo, (Ms. da Academia.)

---

172 Fermosa Catherina, que dominas
Sobre minha vontade e pensamento,
Pois entendes a fé em meu tormento,
Porque com o não crêr me desatinas?
Sempre mais na crueza te refinas,
Indigna de teu alto entendimento,
Nem te prezas, cruel, de dar alento
A quem de amor tem dado mostras finas.
O que eu cuido, oh fera, n'este passo
He que com verdadeiro amor te ama
O mesmo Amor de teu amor rendido.
E por isso te deu animo escasso,
Porque tendo-te já por sua dama
Pretende elle só ser favorecido.

Anonymo, (Ms. da Academia.)

---

173 Em varias fórmas corre a fantasia
Por leves accidentes da vontade,
Magina e anda com velocidade
Do mundo as partes todas n'um só dia.
Vontade a leva pela solta via
De pensamentos, em que a liberdade
Sem deleites lhe dar na variedade,
Torna os cuidados em melenconia:
Assi se vae de hum mal a outros maiores,
Porque seguimos o que não devemos,
A desejos sugeitos e accidentes;
Largo caminho de tormento e dôres,
Que em roda viva d'asperos extremos
Nos deixam como em sonhos de doentes.

Pedro da Costa Perestrello, *Obras*, pag. 85.

---

174 Oh tu, de puro amor, Deos, fonte pura!
O' paternal bondade mais que humana,
O' Deos, luz eternal e soberana,
Deos meu, nova e antiga formosura!
Não póde haver sem ti cousa segura,
Pois o seguro sêr de ti só mana;
Como está fóra de si, como se engana
Quem fóra de ti bem algum procura.
Sem ti caminha vago o pensamento,
Sem ti, para mór mal, e toda gloria,
Sem ti, coberto estou de escuridade;
Mas em ti, fixa está minha memoria,
Em ti repousa meu entendimento,
Em ti se satisfaz minha vontade.

Francisco Galvão. Ed. Caminha, p. 98.

---

175 Não era mortal cousa o seu passeio,
Espirava mais que humana magestade,
Prazer, graças, amor, felicidade,
D'altas riquezas um thesouro cheio.
Qual sae a Aurora do rosado seio,
Com justo passo abrindo a claridade,
Modestia altiva, honesta gravidade,
Que o céo nos representa d'onde veiu;
O celeste vigor que dentro anima
Transluz no concertado movimento,
Que até na menor parte corresponde:
Por taes pisadas sobe, e muito acima
N'outras graças se perde o pensamento,
E só me leva amor não sei por onde.

Bernardo Rodrigues. (Ap. edição de Rodrigues de Castro, p. 165.)

---

176 Ausente, pensativo, solitario,
Como se vos tivera ali presente,
Dou e tomo as razões ousadamente
Firme em amor, em pensamentos vario.
Quando venho ante vós, com temerario
Fervor, renovo n'alma juntamente
Quantos cuidados tive estando ausente,
Que tudo em tal aperto é necessario.
Uns aos outros se impedem na sahida
E querem commetter e não se abalam,
E vou para fallar e fico mudo.
Porém, meus olhos, minha côr perdida,
Meu pasmo, meu silencio por mim fallam,
E não dizendo nada, digo tudo.

Estevam Rodrigues de Castro, (Ed. Caminha, p. 150.)

177 Claros olhos azues, olhos formosos,
Que o lume d'estes meus escurecestes,
Olhos que o mesmo Amor d'amor vencestes
Com vivos raios sempre victoriosos;
Olhos serenos, olhos venturosos,
Que ser luz de tal gesto merecestes,
Ditosos em render quanto rendestes,
E em nunca ser rendidos mais ditosos.
Que morra eu por vos vêr, e que vos traga
Nas mininas dos meus perpetuamente
Cousa é que justamente Amor ordena;
Mas que de vós não tenha mais que a pena,
Com que Amor tanta fé tão mal me paga,
Nem o diz a rasão, nem o consente.

Fernão Rodrigues Lobo Sorapita (Ap. ed. de Rodrigues de Castro, 168.)

---

178 Como, se do céo és senhor superno,
Te vejo, immenso Deos, pobre menino?
Como te offende o frio, Rei benino,
Se tens dos elementos o governo?
Ou como o ventre te encerrou materno,
Se não comprehende o céo teu sêr divino?
Como choras, se cantam de contino
Anjos, com que dispensas gosto eterno?
Como, se és Verbo, tu, do Padre immenso
Me não fallas, senhor?—Como, se infante,
Maravilhas ao mundo já disseste?
Se és Deos, como te falta o sacro incenso?
Se homem, como t'o dão?—Ninguem se espante:
Que homem terreno sou, sou Deos celeste,

Fernão Alvares d'Oriente, *Lusitania transformada*, p. 163.

179

Se sois riqueza, como estaes despido?
Se Omnipotente, como desprezado?
Se rei, como de espinhos coroado?
Se forte, como estaes enfraquecido?
Se luz, como a luz tendes perdido?
Se sol divino, como ecclipsado?
Se Verbo, como é que estaes calado?
Se vida, como estaes amortecido?
Se Deos? estaes como homem n'essa cruz?
Se homem? como daes a um ladrão,
Com tão grande poder pósse dos céos?
Ah, que sois Deos e Homem, bom Jesus!
Morrendo por Adão em quanto Adão,
E redimindo Adão em quanto Deos.

Anonymo, (Ms. n.º 317, da Livr. da Universidade.)

180

Quem sou eu que assim vivo descuidado?
Quem sou eu, que não vivo arrependido?
Quem serei, que não ando apercebido?
Não sei aonde irei dar tão mal parado.
Fui quem não foi; do nada fui formado,
Sou quem não sou, sou nada conhecido;
Serei quem fôr a nada reduzido,
Que em fim lá vae parar todo o creado.
Sôpro fui, vento sou, e heide ser vento,
O sôpro é não; o vento cousa errada;
Mentira a vida, e nada o pensamento.
Em fim, que eu fosse sombra respirada,
Ou seja, ou venha a ser algum momento,
Nada fui, nada sou e heide ser nada.

Anonymo. (*Ibidem.*)

---

181 Querendo Amor tomar dura vingança
Da liberdade antiga que gosara,
E fazer-me comprar em dobro cara
A vida que passei entre bonança:
Poz-me o cuidado em aspera balança,
Pelo desejo de uma phenix rara,
E quando o pensamento a mais chegara,
Deixara-o de seguir minha esperança.
Mostrou-me huns olhos verdes socegados,
E por cima dois arcos victoriosos
De uma certa brandura acompanhados;
Mas achei seus effeitos rigorosos,
Que nunca de matar vivem cansados,
E tão duros me são quanto formosos.

Frei Bernardo de Brito, Soneto XVIII.
(Silvia de Lisardo.)

A UM IRMÃO AUSENTE

182 Dividiu o amor e a sorte esquiva
Em partes o sujeito em que moraes;
Este corpo tem preso onde faltaes,
Esta alma onde andaes anda cativa.
Contente na prisão, mas pensativa,
Porque este mal tão mal remediaes,
Que vós commigo lá solto vivaes,
E eu sem mim e sem vós cá preso viva.
Mas lograe d'esse bem quanto lograes,
Que eu como parte vossa o estou logrando
E sinto quanto gosto andaes sentindo;
Cá folgo, porque sei que lá folgaes,
Porque minha alma logra imaginando
O que lograr não pode possuindo.

P. Balthazar Estaço, *Obras*, fl. 28.

CANÇÃO

183

Junto de um seco, duro, esteril monte,
Inutil e despido, calvo e informe,
Da natureza em tudo aborrecido;
Onde nem ave vôa, ou féra dorme,
Nem corre claro rio, ou ferve fonte,
Nem verde ramo faz doce ruido;
Cujo nome, do vulgo introduzido
E' Felix, por antiphrase infelice;
O qual a natureza
Situou junto á parte
Aonde um braço d'alto mar reparte
A Abassia da arábica aspereza,
Em que fundada foi já Berenice,
Ficando á parte d'onde
O sol, que n'ella ferve, se lhe esconde:
O Cabo se descobre, com que a costa
Africana, que do austro vem correndo,
Limite faz, Arómata chamado;
Arómata, outro tempo; que volvendo
A roda, a rude lingua mal composta
Dos proprios outro nome lhe tem dado.
Aqui, no mar, que quer apressurado
Entrar por a garganta d'este braço,
Me trouxe um tempo e teve
Minha fera ventura.
Aqui, n'esta remota
Parte do mundo, quiz que a vida breve,
Tambem de si deixasse um breve espaço;
Porque ficasse a vida
Por o mundo em pedaços repartida.
Aqui me achei gastando uns tristes dias,
Tristes, forçados, máos e solitarios,
De trabalho, de dor e de ira cheios:
Não tendo tão sómente por contrarios

A' vida, o sol ardente, as aguas frias,
Os áres grossos, férvidos e feios,
Mas os meus pensamentos, que são meios
Para enganar a propria natureza,
Tambem vi contra mi,
Trazendo-me á memoria
Alguma já passada e breve gloria,
Que eu já no mundo vi quando vivi,
Por me dobrar dos males a aspereza,
Por mostrar-me que havia
No mundo muitas horas de alegria.
Aqui 'stive eu com estes pensamentos
Gastando tempo e vida; os quaes tão alto
Me subiam nas azas, que cahia
(Oh vede se seria léve o salto!)
De sonhados e vãos contentamentos
Em desesperação de vêr um dia.
O imaginar aqui se convertia
Em improvisos choros e em suspiros,
Que rompiam os áres.
Aqui a alma cativa,
Chagada toda, estava em carne viva,
De dores rodeada e de prazeres,
Desamparada e descoberta aos tiros
Da soberba Fortuna,
Soberba, inexoravel e importuna.
Não tinha parte d'onde se deitasse,
Nem esperança alguma, onde a cabeça
Um pouco reclinasse por descanso;
Tudo dor lhe era e causa, que padeça,
Mas que pereça não, porque passasse
O que quiz o destino nunca manso.
Oh que este irado mar gemendo amanso!
Estes ventos, da voz importunados,
Parece que se enfreiam:
Sómente o Céo severo,

As estrellas, e o fado sempre fero,
Com meu perpetuo dano se recreiam;
Mostrando-se potentes e indignados
Contra um corpo terreno,
Bicho da terra vil e tão pequeno.
  Se de tantos trabalhos só tirasse
Saber inda por certo que alguma hora
Lembrava a uns claros olhos que já vi;
As orelhas angelicas tocasse
D'aquella em cuja vista já vivi;
A qual, tornando um pouco sobre si,
Revolvendo na mente pressurosa
Os tempos já passados
De meus doces amores,
De meus suaves males e furores
Por ella padecidos e buscados,
E (posto que já tarde) piedosa,
Um pouco lhe pezasse,
E lá entre si por dura se julgasse!
  Isto só, que soubesse, me seria
Descanso para a vida que me fica;
Com isto affagaria o soffrimento.
Ah senhora! Ah senhora! E que tão rica
Estaes, que eu cá tão longe de alegria,
Me sustentaes com doce fingimento!
Logo que vos figura o pensamento,
Foge todo o trabalho e toda a pena.
Só com vossas lembranças
Me acho seguro e forte
Contra o rosto feroz da fera morte;
E logo se me juntam esperanças
Com que, a fronte tornada mais serena,
Torna os tormentos graves
Em saudades brandas e suaves.
  Aqui com ellas fico perguntando
Aos ventos amorosos, que respiram

Da parte d'onde estaes, por vós Senhora;
A's aves qu'alli voam, se vos viram?
Que fazieis? qu'estaveis praticando?
Onde? como? com quem? que dia e que hora?
Alli a vida cansada se melhora,
Toma espiritos novos, com que vença
A fortuna e trabalho,
Só por tornar a vêr-vos,
Só por ir a servir-vos e querer-vos.
Diz-me o tempo que a tudo dará talho:
Mas o desejo ardente, que detença
Nunca soffreu, sem tento
Me abre as chagas de novo ao soffrimento.
Aqui vivo, e se alguem te perguntasse,
Canção, porque não morro,
Podes-lhe responder: que porque morro.

Luiz de Camões, Canção IX. Ed. da *Actualidade*.

ELEGIA

184

Aquelle mover de olhos excellente
Aquelle vivo espirito inflammado,
Do crystalino rosto transparente;
Aquelle gesto immoto e repousado,
Que estando n'alma propriamente escripto
Não pode ser em verso trasladado;
Aquelle parecer, que he infinito
Para se comprehender de engenho humano;
O qual offendo em quanto tenho dito;
Tanto a inflammar-me vem d'um doce engano,
E *tanto a engrandecer-me a phantasia,*
Que não vi maior gloria que meu dano.
Oh bem aventurado seja o dia
Em que tomei tão doce pensamento,
Que de todos os outros me desvia.

E bem aventurado o soffrimento
Que soube ser capaz de tanta pena,
Vendo que o foi da causa o entendimento.
Faça-me, quem me mata, o mal que ordena
Trate-me com enganos, desamores;
Que então me salva, quando me condena.
E se de tão suaves desfavores
Penando vive um'alma consummida,
Oh que doce penar, que doces dores.
E se uma condição endurecida
Tambem me nega a morte por meu dano,
Oh que doce morrer, que doce vida!
E se me mostra um gesto lindo, humano,
Como que de meu mal culpada se acha,
Oh que doce mentir! que doce engano.
E se em querer-lhe tanto ponho tacha,
Mostrando refrear o pensamento,
O' que doce fingir, que doce cacha!
Assi que ponho já no soffrimento
A parte principal de minha gloria,
Tomando por melhor todo o tormento.
Se sinto tanto bem só com a memoria,
De ver-vos, linda dama, vencedora,
Que quero eu mais que ser vossa victoria?
Se tanto a vossa vista mais namora,
Quanto eu sou menos para merecer-vos,
Que quero eu mais que ter-vos por senhora?
Se procede este bem de conhecer-vos
E consiste o vencer em ser vencido,
Que quero eu mais, Senhora, que querer-vos?
Se em meu proveito faz qualquer partido
Só na virtude de uns olhos tão serenos,
Que quero eu mais ganhar, que ser perdido?
Se emfim, os meus espritos de pequenos
A merecer não chegam seu tormento,
Que quero eu mais, que o mais não seja menos?

A causa, pois me esforça o soffrimento,
Porque, apezar do mal que me resiste,
De todos os trabalhos me contento;
Que a razão faz a pena alegre ou triste.

Camões, *Eleg.* IV. Ed. da Actual.

JERONYMO CORTE REAL A FRANCISCO DE SÁ,

CAPITÃO MÓR DA GUARDA DE EL-REI.

185

No tempo em que deixei aquelle estado,
Aquella vida livre e priguiçosa
Que o nosso entendimento traz atado,
Passando quantos termos a ociosa
Edade juvenil vae tropeçando,
Seguindo via occulta e tenebrosa,
Me recolhi no campo e fui deixando
O vão inutil tempo em que vivia
E ao estudo latino me fui dando.
Umas horas gostando da poesia,
Buscando as duras guerras do Troyano
E os naufragios do mar que padecia.
Buscava tudo o mais que o Mantuano
D'elle cantou com voz tão desusada,
Mostrando-nos o engenho mais que humano.
Outras lá nas estrellas enlevada
A fantasia tinha os cursos vendo
Dos planetas, e a ordem concertada
Com que operações grandes vão fazendo
Em todos os mortaes e os movimentos
Dos céos, que ao Creador obedecendo,
Vão por medidos pontos, por momentos
Edades consummindo, renovando,
Mostrando em casos graves mil portentos.

Outras vezes o tempo ia gastando
Em ler segredos mil da natureza,
Que manifesto a Deos estão mostrando.
Tratava dos agrestes a simpreza,
O uso pastoril rudo e grosseiro,
Tratava de suas almas a pureza.
Um amor via entre elles verdadeiro,
Uma amisade facil, sem engano,
Mui longe das que trata o lisongeiro.
Ali passava o mez, passava o anno
Sem vêr o vulgo misero queixar-se,
E sem saber de amigo a perda ou dano.
Nem via o mal para mais mal mudar-se,
Ouvia só nas arvores frondosas
Com o zefiro confuso um som formar-se.
Em verdes campos cheios de fermosas
E odoriferas flores sempre andava,
Ou por serras erguidas e fragosas.
A Actheon e a Cephalo imitava
Seguindo a dura caça: ou na ribeira
Tomar os brandos peixes procurava.
Passava a vida assim d'esta maneira
Contente por me vêr em tal estado
Na gloria cá no mundo verdadeira.
As mais que civis guerras no senado
Por Cesar levantadas e movidas
Contra o insigne genio celebrado,
Onde tanta nobreza e tantas vidas
De valerosos homens se perderam
E em pouco espaço foram destruidas;
Lia continuamente o que escreveram
Salustio e Tito Livio apregoando
As cousas que os Romãos então fizeram.
Estes Authores lendo fui cuidando
Com quanta mais razão justo seria
Dos nossos Portuguezes ir tratando;

Pois em batalhas mil se lhes devia
Uma fama e um nome eterno ao mundo,
E de Homero ou de Virgilio a poesia.
Este Cêrco que em Diu foi segundo
Quiz escrever, assy como pudesse
E o animo esforçado e furibundo.
Os fortes Capitães que o interesse
Da honra só lhes fez obrar taes feitos
Que cada um por Cesar se tivesse.
E dos outros fidalgos cujos peitos
Ardendo em fogo de honra s'offereceram
A' morte, sem ter mais outros respeitos.
Trabalhos escrevi que padeceram
No discurso do Cerquo, e a famosa
Batalha que depois alli venceram.
De minha propria mão a bellicosa
Historia debuxei, e aquelle honrado
Castigo que fez vista piadosa.
Não mais outro interesse pretendendo
Que acudir ao que se ia já apagando
E já quasi de todo escurecendo,
Me fez n'este tratado ir empregando
O rudo e fraquo engenho a noite e o dia
O divino favor só invocando.
Quebrantada e opprimida a fantasia
Mil vezes intentei atraz tornar-me
E emfim alçar a mão do que escrevia.
Mas logo ali sentia castigar-me
Com dura reprensão e um pungimento
Não deixava ja mais de atormentar-me.
Mostrava-me o ligeiro pensamento
Estando quasi todo transportado
Mil phantasticas formas n'um momento.
Na erva fresca e flava reclinado
Oo longo de um ribeiro sonoroso,
De alemos e freixos assombrado,

Estava sendo entrado o gracioso
Tempo em que Filomena mais sentida
Se mostrava do cunhado rigoroso.
Os olhos tinha promptos na corrida,
No rumor surdo e brando da agua pura
Que ali por pedras vinha repartida.
Quando do claro Delio a formosura
Já nas inchadas ondas se escondia
E a noite se chegava quasi escura.
O rustico pastor já recolhia
O vagaroso gado, e lá no Oriente
A filha de Latona aparecia,
Erguendo-se da terra mansamente
Com prateados raios caminhava
Para as partes remotas do Occidente.
Ali o meu pensamento me mostrava
Os trabalhos de Diu, e os perigos
Do Cerquo que escrever determinava.
Vi soberbos e fortes inimigos
Mostrar-se poderosos aos cerquados,
E vi morrer ali muitos amigos.
A muitos d'elles via traspassados.
Aquellas vivas côres já perdidas,
Com sangue negro já desfigurados.
Bradando me mostravam as feridas,
As entranhas abertas, n'esta brava
Batalha, em cem mil partes recebidas.
De proseguir tal obra duvidava
Quando a meu parecer um homem vi
O qual d'esta maneira me falava:
—Dize-me, que duvidas? vês aqui
Varões tão sinalados que morreram
Sem d'elles já memoria haver aí.
Verás mortes crueis que receberam
Por defender a Fé, a Patria honrando,
Verás feitos heroicos que fizeram.—

Os olhos onde o vira levantando
E lançados, um corpo vi aberto
Grandes rios de sangue derramando.
Vi o rostro já defunto descoberto,
Foi de mi conhecido e alegrei-me
Despois que se chegou a mi mais perto.
Do grande sobresalto assegurei-me,
Mas de o vêr vir assi tão maltratado
Com feridas tão frescas espantei-me.
Dom Francisco d'Almeida, nomeado
No mundo com rezão, este é o que digo
Este é o valeroso e esforçado.
Este é o que no exercito inimigo
Faz mil males e damnos, sempre dando
Aos Mouros crudelissimo castigo.
Este é o que os annos sempre foi passando
Em guerras perigosas e alcançava
Immortal fama n'ellas pelejando.
A voz d'este varão me despertava
O *nome d'elle vi que bem merece*
Sobir ao céo que Marte dominava.
Vi que a virtude d'este resplandece
Por toda a redondeza e glorioso
Gosa d'aquelle ao qual tudo obedece.
N'aquelle fero assalto impetuoso
A morte se rendeu tendo já feito
Seu estrago nos Turcos espantoso.
Dom Johão Manoel ali mostrava o peito
Onde tanta virtude se encerrava
Com lançadas, com golpes já desfeito.
Cosmo de Pina vi que pelejava
Com coração robusto e ousadia
E a vida pela honra ali entregava.
Vi Atropos rigorosa em triste dia
Cortar a *Dom Fernando* os tenros annos,
Mas o nome ao mais alto céo sobia.

Vi outros mil notaveis varios damnos,
A morte tão sentida e lamentada
D'aquelle, um dos mais fortes Luzitanos.
Este era *Dom Francisco* cuja espada
Dos Turcos foi temida, o apellido
Dos antigos *Menezes* só chamada.
No baluarte minado vi ardido
Dom João d'Almeida dino de louvores,
O corpo (não o nome) consummido.
E vós *Jorge de Sousa* entre os milhores
Contado por hum d'elles, traspassado
De lançadas e golpes os maiores.
Vi de *Tristão de Sá* desfigurado
Aquelle gentil rostro que sabia
Mostrar-se entre outros mil aventajado.
Após estes logo aí me parecia
De famosos varões em largo bando
Uma mui generosa companhia.
Vi que todos se andavam revolçando
Pela sangrenta terra e a memoria
D'ellas que se ia já quasi acabando.
Vi outros que inda vivem, cuja historia
Por toda a redondeza bem merece
Ser celebrada com triumpho e gloria.
Vi *Dom Johão Mascarenhas,* que enriquece
O nome lusitano e o levanta
Ao qual fortuna e fado favorece.
As cousas d'elle vi que nos espanta
Aquelle estreito Cerquo perigoso
No qual honra ganhou e fama tanta.
Aquelles mil combates que animoso
Resistiu e venceu e a derradeira
Batalha, onde ficou victorioso,
Vi-lhe levar ali a dianteira
Mostrando grão valia e braço forte
Vi que os Turcos lhe dão larga carreira;